

Governo de Estado do Acre
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Série Cadernos de Orientação Curricular

Orientações Curriculares
para o Ensino Médio

CADERNO 1 - Educação Física



Rio Branco - Acre
2010

Governador do Estado do Acre
Binho Marques
Secretária de Estado de Educação
Maria Corrêa da Silva
Diretor de Ensino
Josenir de Araújo Calixto
Gerente Pedagógico de Ensino Médio
Nagila Dourado Carvalho

Governo do Acre
Secretaria de Estado de Educação
Rua Rio Grande do Sul, 1907 - Aeroporto Velho
CEP: 69903-420
Tel. (068) 3213 - 2355 - Fax: (068) 3213 - 2355
Email: ensinomedio.educacao@.ac.gov.br

Professores do Acre,

As Orientações Curriculares ora apresentadas constituem uma importante ferramenta para a organização do trabalho do professor. A Secretaria de Estado de Educação tem tido como premissa nesses últimos doze anos assegurar que cada um dos nossos alunos tenha a aprendizagem adequada à sua série. Para isso, é fundamental que a escola e o professor tenham clareza do que deve ser ensinado em cada um dos componentes curriculares e em cada série.

Esta Orientação Curricular busca fomentar a construção de uma nova escola e de uma nova sala de aula, em que o aluno assuma um papel de construtor do conhecimento e o professor o de grande articulador dos caminhos que levam à aprendizagem.

Essa decisão exige de todos nós professores, coordenadores, diretores e gestores do sistema a tomada da difícil decisão de aprender a aprender. Será difícil porque teremos que revisitar a nossa história, as nossas crenças e convicções e traçar um modelo de gestão de sala de aula, de escola e de sistema pautado pela incerteza.

Temos a convicção de que a escola deste novo milênio deverá assegurar o domínio dos conhecimentos científicos, a formação de habilidades e de atitudes que possibilitem aos alunos resolver os seus problemas.

Desejo que estas Orientações Curriculares sejam experimentadas, criticadas e reelaboradas como estratégias para a reorganização do trabalho escolar e que o conhecimento científico e as experiências dos diferentes atores sociais envolvidos sirvam como ponto de partida para a construção desse novo fazer nas nossas escolas.

Maria Corrêa da Silva
Secretária de Estado de Educação

Sumário

Apresentação

Introdução

O papel da escola hoje

Os adolescentes e jovens ‘adotados’ como alunos

Os propósitos da Educação Básica nestes tempos que vivemos

Do que falamos quando falamos em objetivos, conteúdos e atividades?

Uma nota sobre conceitos de avaliação

Breves considerações sobre os temas transversais ao currículo

O lugar da História e da Cultura Afro-Brasileira na educação escolar

Referências Curriculares

Breves considerações sobre o ensino de Educação Física

Contribuições à formação dos alunos

Educação Física e as outras áreas curriculares

Algumas considerações sobre a avaliação em Educação Física

Objetivos do ensino

Referências Curriculares: Objetivos, Conteúdos, Propostas de Atividade e Formas de Avaliação

Sugestões de materiais de apoio

Bibliografia

Todos terão direito a receber educação.

Todos terão direito a uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-los a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se útil na sociedade.

Texto baseado na Declaração Nacional dos Direitos da Criança

Apresentação

Cadernos para o professor

Esta publicação integra a Série Cadernos de Orientação Curricular, que reúne subsídios para o trabalho pedagógico com as diferentes áreas curriculares, e é destinada aos professores do Ensino Médio de todas as escolas públicas do Acre.

Em 2008 e 2009, foram elaborados subsídios semelhantes para os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que vêm se constituindo em importantes referências para o planejamento pedagógico nas escolas. E, para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, foi elaborada recentemente a publicação Planejamento Escolar - Compromisso com a aprendizagem, um texto complementar importante, com enfoque nas questões de avaliação, planejamento e intervenção pedagógica e com alguns tópicos coincidentes com o conteúdo deste Caderno.

A finalidade dessas publicações é apoiar as equipes escolares no processo de concretização do currículo - um currículo que assegure a melhor aprendizagem possível para todos os alunos, razão de ser da educação escolar e de tudo o que se faz nos sistemas de ensino. Também por essa razão, há um processo de formação de professores em curso, cujo conteúdo principal são as Orientações Curriculares ora propostas, que são desdobramentos, atualizados, dos Parâmetros e Referenciais Curriculares elaborados anteriormente.

Em relação a este material, é importante não perder de vista que, por mais flexível que seja, toda proposta curricular estabelece, ainda que de modo geral, quais são as conquistas esperadas progressivamente a cada ano de escolaridade, tendo em conta o que foi estabelecido nos anos anteriores. Assim, tomar como referência o que preveem os quadros com as orientações curriculares deste Caderno pressupõe avaliar os conhecimentos prévios e o processo de aprendizagem dos alunos, tanto porque esse tipo de avaliação é um princípio pedagógico como porque é condição para ajustar as expectativas, os conteúdos e as atividades especificadas. Considerar o que está indicado em cada quadro, de cada uma das áreas curriculares, implica considerar também o fato de que os alunos não necessariamente terão os saberes previstos se, nos anos anteriores, o trabalho pedagógico se orientou por outros pressupostos e por outros indicadores.

A iniciativa de, neste momento, apresentar esses subsídios para os professores acrianos é, como toda iniciativa na área educacional, decorrente de uma análise da situação atual, dos desafios hoje colocados e de uma concepção sobre o papel do professor na educação escolar. O propósito central é contribuir com os professores do Ensino Médio de todo o Estado do Acre na importante tarefa de ensinar a todos.

Equipe de Elaboração da Série Cadernos de Orientação Curricular

Introdução

Nesta Introdução são abordadas questões relacionadas à função social da escola, os propósitos Educação Básica, como desdobramentos, e alguns caminhos para alcançá-los, seguidos de algumas considerações importantes sobre objetivos, conteúdos e atividades de aprendizagem e de avaliação.

O papel da escola hoje

Hoje, talvez mais do que nunca, há um compromisso ético e pedagógico que não podemos deixar de assumir com as crianças e jovens que são alunos das nossas escolas: oferecer todas as possibilidades que estiverem ao nosso alcance para que eles conquistem o conhecimento sobre as ‘coisas do mundo’, interessá-los com propostas desafiadoras e significativas, incentivá-los a procurar respostas para suas próprias questões, mostrar que as suas descobertas intelectuais e suas idéias têm importância, encorajá-los a darem valor ao que pensam, potencializar a curiosidade em relação às diferentes áreas do conhecimento, familiarizando-os - desde pequenos e progressivamente - com as questões da linguagem, da matemática, da física, da biologia, da química, da tecnologia, da arte, da cultura, da filosofia, da história, da vida social, do mundo complexo em que vivemos.

Do ponto de vista pedagógico, o desafio, portanto, é propor boas situações de ensino e aprendizagem, ou seja, situações que de fato levem em conta as hipóteses e os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que pretendemos que eles aprendam e que lhes coloquem novos desafios. Assim estaremos cumprindo uma tarefa essencial da educação escolar: favorecer um contato amistoso de todos com o conhecimento nas diferentes áreas desde pequenos. Ou, em outras palavras, alimentar os alunos...

A esse respeito, é importante dizer que o professor e linguista Egon de Oliveira Rangel presenteou-nos, recentemente, com uma explicação belíssima sobre o sentido da palavra ‘aluno’ e sobre essa condição, nem sempre bem-entendida, em que crianças, jovens e adultos são colocados na escola. Ao referir-se à recente história da educação em nosso país, comentando duas perspectivas opostas (uma, a que chama de *tradicional*, dominada por preocupações praticamente exclusivas com o que e como ensinar, e outra, muito diferente - e com a qual nos identificamos - em que a aprendizagem, ou melhor, o que já sabemos a respeito dela, comanda o ensino), recupera a história e desloca o aluno para o lugar de sujeito:

*Circulou por muito tempo, entre os educadores, uma versão fantasiosa da etimologia de **aluno** que atribuía a essa palavra de origem latina a composição **a-lumnus**. O primeiro componente, **a-**, seria um prefixo com significado de ‘privação’; e o segundo seria uma das formas da palavra **lumen/luminis** (luz). Assim, **alumnus** significaria ‘sem-luzes’. Entretanto, **alumnus** origina-se não de **lumen**, mas de um antigo particípio de **alere** (alimentar), e significava ‘criança de peito’, ‘criança que se dá para criar’ (RANGEL: 2000).*

E, aliando-se aos que defendem a centralidade do aluno no processo pedagógico - que tem como metáfora e como razão de ser *alimentar as crianças (e jovens)* que foram *adotadas* pela escola -, o autor acrescenta:

Atentos aos movimentos, estratégias e processos típicos do aprendiz numa determinada fase de sua trajetória e num certo contexto histórico e social, há os educadores que procuram organizar situações e estratégias de ensino o mais possível compatíveis e adequadas. Nesse

sentido, o esforço empregado no planejamento do ensino e na seleção e desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas pertinentes acaba tomando o processo de aprendizagem como princípio metodológico de base.

Tal como indicam os propósitos apresentados mais adiante, a tarefa política e pedagógica, na Educação Básica, é tornar a escola, de fato, um espaço-tempo de desenvolvimento integral dos alunos, de ampliação dos processos de letramento, de múltiplas aprendizagens, de aquisição do conhecimento considerado necessário hoje e de convívio fecundo entre eles. Nossa tarefa, metaforicamente falando, é ‘alimentá-los’, o que significa garantir:

- acesso aos saberes, práticas e experiências culturais relevantes para o desenvolvimento integral de todos, ou seja, para o desenvolvimento de suas diferentes capacidades - cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de relacionamento pessoal e de inserção social;
- experiências, conhecimentos e saberes necessários para que possam progressivamente participar da vida social como cidadãos;
- desenvolvimento da personalidade, pensamento crítico, solidariedade social e juízo moral, contribuindo para que sejam cada vez mais capazes de conhecer e transformar (quando for o caso) a si mesmos e ao mundo em que vivem;
- domínio das ferramentas necessárias para continuar aprendendo para além da escola.

Para tanto, no que isso diz respeito à proposta curricular (que é apenas um dos muitos aspectos em jogo), há diferentes níveis de concretização, conforme indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem o primeiro nível de concretização curricular. São uma referência nacional, estabelecem uma meta educacional (...) Têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e Municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna às escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.

(...) O segundo nível de concretização diz respeito às propostas curriculares dos Estados e Municípios. Apesar de apresentar uma estrutura curricular completa, os Parâmetros Curriculares Nacionais são abertos e flexíveis, uma vez que, por sua natureza, exigem adaptações para a construção do currículo de uma Secretaria ou mesmo de uma escola. Também pela sua natureza, eles não se impõem como uma diretriz obrigatória: o que se pretende é que ocorram adaptações através do diálogo entre estes documentos e as práticas já existentes, desde as definições dos objetivos até as orientações didáticas para a manutenção de um todo coerente.

O terceiro nível de concretização refere-se à elaboração da proposta curricular de cada instituição escolar, contextualizada na discussão de seu projeto educativo. Entende-se por projeto educativo a expressão da identidade de cada escola em um processo dinâmico de discussão, reflexão e elaboração contínua. Esse processo deve contar com a participação de toda equipe pedagógica, buscando um comprometimento de todos com o trabalho realizado, com os propósitos discutidos e com a adequação de tal projeto às características sociais e culturais da realidade em que a escola está inserida. É no âmbito do projeto educativo que professores e equipe pedagógica discutem e organizam os objetivos, conteúdos e critérios de avaliação para cada ciclo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as propostas das Secretarias devem ser vistos como materiais que subsidiarão a escola na constituição de sua proposta educacional mais geral, num processo de interlocução em que se compartilham e explicitam os valores e

propósitos que orientam o trabalho educacional que se quer desenvolver e o estabelecimento do currículo capaz de atender às reais necessidades dos alunos.

O quarto nível de concretização curricular é o momento da realização da programação das atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula. É quando o professor, segundo as metas estabelecidas na fase de concretização anterior, faz sua programação, adequando-a àquele grupo específico de alunos. A programação deve garantir uma distribuição planejada de aulas, distribuição dos conteúdos segundo um cronograma referencial, definição das orientações didáticas prioritárias, seleção do material a ser utilizado, planejamento de projetos e sua execução. Apesar da responsabilidade ser essencialmente de cada professor, é fundamental que esta seja compartilhada com a equipe da escola através da co-responsabilidade estabelecida no projeto educativo.

A perspectiva, agora, em se tratando da proposta atual para o Estado do Acre, é desenvolver uma parceria 'experiente' para apoiar as escolas na efetivação do terceiro nível de concretização do currículo, ou seja, na definição dos desdobramentos, do que está previsto nos documentos curriculares existentes, em algo que se assemelhe a um plano geral de ensino específico da disciplina - a que chamaremos aqui de quadro curricular. Desse modo, entendemos que será possível contribuir para a consolidação dos propósitos especificados mais adiante e, conseqüentemente, com a melhor aprendizagem possível para os alunos das séries mais avançadas da Educação Básica.

Os adolescentes e jovens 'adotados' como alunos

A instituição escolar só poderá cumprir com a tarefa social de garantir acesso e permanência do aluno na escola, qualidade de sua aprendizagem e desenvolvimento das capacidades que contribuam para sua formação como pessoa se souber minimamente 'quem é' esse aluno - tendo em conta os processos de construção do conhecimento, de socialização, de constituição da identidade, de construção de projetos de vida, de interação com o mundo em que vive. Avançar na compreensão de como se dão esses processos é um desafio necessário.

Em condições ideais, a faixa etária dos alunos do 5o ao 9o ano seria a de 11 a 14 anos, caracterizada como pré-adolescência e adolescência e, no Ensino Médio, de 15 a 17 anos, final da adolescência. No entanto, em função da acentuada defasagem idade-série, característica da escola brasileira hoje, nessa etapa da escolaridade há alunos mais velhos - o percentual de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental com idade acima da correspondente à série é superior a 60% e a isso se soma uma grande variação de faixa etária, sobretudo nas séries mais avançadas e nos cursos noturnos. Por isso, atualmente o universo de alunos, não só do Ensino Médio, mas também do 5o ao 9o ano, pode ser caracterizado como juvenil, uma vez que a noção de juventude inclui tanto os mais novos como os mais velhos.

Uma reflexão sobre quem é, afinal, o aluno a quem a educação escolar se destina exige, entretanto, ir além das características etárias mais elementares: é preciso considerar especialmente os aspectos de ordem cognitiva e sociocultural. Não pode ignorar as singularidades da população juvenil que frequenta a escola, sob risco de não ser possível mediar adequadamente o processo de construção de conhecimento e de cidadania de seus alunos.

Infelizmente, ainda hoje não há conhecimento suficiente sobre a juventude no Brasil - o que existe diz respeito sobretudo a jovens dos grandes centros urbanos, o que não dá conta da diversidade que caracteriza essa fase da vida: quase nada se sabe, por exemplo, sobre a vivência juvenil no meio rural.

Considerando uma mesma faixa de idade, o que se verifica é que geralmente são bem diferentes os adolescentes e jovens que vivem em famílias de classe média ou de camadas mais populares,

em um grande centro urbano ou no meio rural, com maior ou menor acesso aos bens culturais, à informação, ao conhecimento. Além disso, apesar de todas as transformações físicas próprias da juventude, esta é um fenômeno social e não há definições rígidas de início e fim: isso é algo que depende do momento histórico, do contexto social e da própria trajetória familiar e individual de cada um.

Em qualquer caso, entretanto, a sociabilidade ocupa um lugar central na vida dos adolescentes e jovens: o grupo de amigos constitui-se em um espaço importantíssimo de convívio e busca de respostas para as inquietações, preocupações, dúvidas. É nesse espaço, entre iguais, que eles podem vivenciar novas experiências, criar símbolos de identificação e laços de solidariedade, meios próprios para realizar descobertas (sobre o mundo e sobre si mesmos) necessárias à constituição da própria identidade e dos projetos de vida.

Entretanto, nem sempre as peculiaridades desse momento da vida têm sido consideradas em sua real importância, porque a concepção predominante tanto na sociedade como na escola tem o foco no futuro, no que será preciso para "a vida que virá". Isso faz com que as necessidades do agora, as potencialidades e os valores que devem ser privilegiados na formação dos adolescentes e jovens para se situarem em relação ao mundo, a si mesmo e aos outros, na fase da vida em que estão, nem sempre sejam levadas em conta.

A possibilidade da escola se constituir de fato em um espaço privilegiado de construção de referências para os alunos, em um espaço efetivamente formativo, depende do conhecimento que conseguir obter sobre como se dá o seu processo de constituição da identidade. Não se pode perder de vista, por exemplo, que particularmente os adolescentes e jovens dos setores populares vêm sendo socializados no interior de uma cultura da violência, marcada por discriminação e estereótipos socialmente construídos, que tende a produzir uma identidade influenciada pelo sentimento de inferioridade. Essa cultura está presente em diferentes instâncias da sociedade, inclusive na escola, e acaba por prejudicar o desenvolvimento pleno de cada um.

Também é importante considerar que a identidade não deve ser restrita à dimensão de auto-imagem individual ou grupal. Não é apenas a pergunta 'quem sou eu?' que os jovens procuram responder enquanto experimentam expressões de identidade, mas também 'por onde e para onde vou?'. A identidade individual e coletiva de alguma forma interfere na invenção de caminhos para a vida a partir do presente e requer a construção de um conjunto de valores relacionados a estas questões existenciais nucleares para todo indivíduo: quem eu sou, quem eu quero ser, o que quero para mim e para a sociedade. Isso exige uma busca de autoconhecimento, compreensão da realidade e do lugar social em que se está inserido.

Todo jovem, de um jeito ou de outro, tem projetos que são fruto de suas escolhas, conscientes ou não, bem como de suas condições afetivas e das oportunidades oferecidas (ou não) socialmente. Essas escolhas são ancoradas em uma avaliação da realidade, seja ela qual for, conforme as possibilidades de compreensão que cada um tenha de si mesmo e do contexto em que está inserido. Os projetos de vida não dizem respeito apenas a um futuro distante, mas, ao contrário, implicam um posicionamento do jovem no presente, em relação ao meio social e ao contexto em que vive, tendo em conta os recursos que encontra para lidar com o seu cotidiano. Podem ser individuais e/ou coletivos, mais amplos ou restritos, com perspectiva de curto ou médio prazo. De qualquer modo, tendem a ser dinâmicos, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios adolescentes e jovens e/ou conforme as mudanças no campo das possibilidades que estão dadas ou que são conquistadas.

Em relação aos adolescentes e jovens mais pobres, é importante considerar que, nesse caso, às inseguranças da própria condição juvenil somam-se as dificuldades de sobrevivência e também, não raro, os efeitos de uma baixa auto-estima produzida pelas discriminações que geralmente sofrem. Esse conjunto de adversidades tende a dificultar a constituição de projetos que afirmem a dignidade. Como instituição pública e educacional que é, a escola pode desempenhar um importante papel para melhorar a auto-estima desses alunos e contribuir não só para o seu

desenvolvimento como pessoa e como estudante, mas também para a construção de referências para seus projetos de vida.

Propósitos da Educação Básica nestes tempos em que vivemos¹

O que aqui se apresenta são compromissos necessários para favorecer a ampliação progressiva de capacidades, conhecimentos, saberes e experiências que se pretende que os alunos conquistem na escola.

Quais são os propósitos²?

- Oferecer aos alunos um conjunto de conhecimentos, saberes e práticas relevantes, definido a partir de diferentes ciências e outros campos da cultura, assim como promover a compreensão do caráter histórico, público, coletivo e mutante desses tipos de conhecimento.
- Consolidar contextos institucionais apoiados nos valores de liberdade, tolerância, igualdade, verdade, justiça, solidariedade e paz, e promover a reflexão do sentido desses valores em contextos particulares.
- Contribuir para que os alunos desenvolvam o sentido de pertencimento social e cívico-político.
- Favorecer o desenvolvimento de atitudes favoráveis de cuidado consigo mesmo e com os outros, a partir do conhecimento de práticas construtivas e de zelo com a saúde.
- Criar oportunidades para que os alunos conheçam e valorizem o patrimônio natural e cultural da cidade e do país, tomando-os como temas de estudo em diferentes áreas curriculares e incluindo nas propostas didáticas o acesso ao patrimônio artístico, arquitetônico, recreativo, informativo e de serviços da cidade/região.
- Desenvolver propostas que, partindo do reconhecimento das situações de desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos, assegurem aprendizagens fundamentais e enriqueçam a perspectiva universal da cultura a que todos alunos têm direito, sem desqualificar ou desconsiderar suas referências pessoais, familiares e culturais.
- Garantir o direito de expressão do pensamento e das ideias dos alunos, mesmo que divergentes das posições do professor e dos colegas, e o exercício de discutir diferentes pontos de vista, acolher e considerar as opiniões dos outros, de defender e fundamentar as próprias opiniões e de modificá-las quando for o caso.
- Fazer de cada sala de aula um ambiente de trabalho colaborativo, para que os alunos possam enfrentar os desafios colocados, sabendo que o erro faz parte do processo de aprendizagem e que contam com apoio para darem o melhor de si.
- Estimular e ajudar os alunos a se comprometerem com sua própria aprendizagem, confiarem em seus recursos pessoais e em suas possibilidades e desenvolverem uma adequada postura de estudante.
- Promover o respeito e a valorização das atividades escolares e a prática de hábitos de estudo e trabalho, criando condições para que os alunos façam escolhas em relação às

¹ A formulação destes propósitos teve como referência os seguintes documentos: Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (MEC, 1997), Diseño Curricular para la Escuela Primaria de la Ciudad de Buenos Aires (2004), Matrizes de Referência em Língua Portuguesa para o 1º Ciclo da Secretaria Municipal de Educação de Campinas (2007) e Caderno de Orientações Para o Ensino de Língua Portuguesa e Matemática no Ciclo Inicial (Secretaria Estadual do Acre e Secretaria Municipal de Rio Branco, 2008).

² A formulação destes propósitos teve como referência o documento Diseño Curricular para la Escuela Primaria de la Ciudad de Buenos Aires (2004).

formas de trabalho, administração do tempo, atividades a serem desenvolvidas e áreas de conhecimento a aprofundar.

- Planejar instâncias que permitam aos alunos avaliar suas próprias tarefas e dos demais colegas, bem como o percurso pessoal de aprendizagem, dispondo de informações sobre o ponto em que se encontram em relação às expectativas de alcance, para poderem analisar seus avanços e suas dificuldades.
- Preservar, ao longo da escolaridade, a continuidade da experiência escolar dos alunos, identificando prioridades e estabelecendo critérios para a inclusão de diferentes projetos que enriqueçam o trabalho pedagógico.
- Equilibrar as propostas de trabalho individual e grupal, enfatizando, em todos os casos, a necessidade e importância de compromisso com a própria aprendizagem e com a cooperação entre os pares.
- Garantir a participação dos alunos no planejamento, realização e avaliação de projetos a curto, médio e longo prazo.
- Constituir normas adequadas para a convivência, o trabalho escolar, o cuidado com os materiais, equipamentos e espaços comuns, zelando para que essas normas sejam efetivamente cumpridas, com as ajudas que se fizerem necessárias.
- Criar instâncias apropriadas, quando necessário, para o debate de insatisfações, reivindicações e divergências, utilizando a discussão fraterna - e dispositivos deliberativos, se for o caso - como forma de encontrar respostas para situações de conflito, tendo em conta diferentes alternativas e as respectivas consequências.
- Contribuir para que os alunos assumam responsabilidades e participem das decisões coletivas, aceitando os riscos e aprendendo a partir dos erros cometidos.
- Planejar propostas específicas, relacionadas aos temas em estudo, e aproveitar situações cotidianas e acontecimentos ocasionais oportunos, para ajudar os alunos a compreenderem as implicações de diferentes posições éticas e morais.
- Organizar os tempos e espaços de trabalho que favoreçam o melhor desenvolvimento possível das propostas.
- Promover situações que incentivem a participação dos alunos em atividades comunitárias e que lhes permitam compreender as problemáticas que afetam os diferentes grupos de pessoas, comprometendo-os com propostas que extrapolem os limites da sala de aula e 'ganhem a rua': campanhas na comunidade, correspondência com os meios de comunicação emitindo opinião sobre problemas que lhes preocupam, intercâmbio com outras instituições etc.
- Criar contextos - projetos, atividades de comunicação real, situações de publicação dos escritos - que evidenciem as produções dos alunos e justifiquem a necessidade da escrita correta e da adequada apresentação final dos textos.
- Elaborar e desenvolver um amplo programa de leitura na escola, articulando todas as propostas em andamento e outras consideradas necessárias, ações que envolvam intercâmbio com os familiares e uso dos recursos disponíveis na comunidade, de modo a constituir uma ampla rede de leitores que se estenda para além do espaço escolar.
- Garantir o acesso permanente dos alunos a diferentes portadores de texto, gêneros textuais, situações de leitura e escrita e propósitos sociais que caracterizam essas práticas.
- Preservar o sentido que têm as práticas de leitura e escrita fora da escola, buscando a máxima coincidência possível entre os objetivos de ensino destas práticas na escola e os seus objetivos sociais, ou seja, utilizando todo o conhecimento pedagógico para não 'escolarizá-las'.

- Criar oportunidades para que os alunos conheçam e usem tecnologias de informação e comunicação e que desfrutem de todos os meios de acesso ao conhecimento e bens culturais disponíveis, como bibliotecas, museus, centros de cultura e lazer, videotecas etc.
- Assegurar que os alunos possam exercer os seus direitos de leitores, escritores e estudantes das diferentes áreas do conhecimento. Ou seja, como leitores, podem fazer antecipações quando leem, formular interpretações próprias e verificar sua validade, perguntar o que não sabem, questionar as intenções do autor, emitir opinião sobre o assunto lido, criticar as mensagens de que é destinatário direto ou indireto. Como escritores, devem produzir textos que façam sentido, em situações de comunicação real, com tempo suficiente para escrever e revisar conforme a necessidade, podendo solicitar ajuda quando preciso e elegendo leitores para analisar a qualidade dos próprios textos. Como estudantes das diferentes áreas do conhecimento, podem expressar suas hipóteses e seus saberes sobre qualquer assunto, recebendo ajuda para fazê-lo e para avançar em seu processo de compreensão.
- Priorizar metodologias pautadas no trabalho com hipóteses, conjecturas ou suposições que os alunos possam testar, validar ou refutar, experimentando diferentes formas de pensar, aprender e se expressar.
- Considerar os indicadores das provas externas como uma demanda contextual necessária, a serem tomados como referência na organização do trabalho pedagógico, mas não como 'a' razão da educação escolar, porque a função social da escola não pode, em hipótese alguma, se confundir com a tarefa exclusiva de preparar os alunos para 'irem bem' nas provas externas.

Como alcançá-los?

Para que a escola possa constituir-se e consolidar-se como esse lugar de aprendizagem e de produção de conhecimento para todos³, é preciso que se converta em um contexto propício para relações interpessoais solidárias, trabalho coletivo e desenvolvimento profissional contínuo, apoiado no estudo, na reflexão sobre a prática, na discussão de situações-problema e na investigação de questões relevantes para a comunidade escolar.

O fato é que, tal como alimentação, saúde, convívio social e lazer, o conhecimento também é fundamental para a qualidade de vida das pessoas - alunos e profissionais. Quanto mais se sabe, mais se pode saber - o que sabemos nos faz melhores observadores, melhores intérpretes e, por certo, melhores cidadãos.

Nesse sentido, a escola é uma instituição poderosa, porque tanto pode dar à luz o conhecimento e o prazer de aprender para todos como, ao contrário, pode obscurecer. Se considerarmos que o magistério é a maior categoria profissional do país (são mais de um milhão e seiscentos mil professores!) e que os alunos passam cerca de quatro horas na escola durante 200 dias letivos, por vários anos, teremos a real dimensão de sua potencialidade como instituição educativa.

Utilizando como referência o conceito de professor reflexivo, hoje bastante difundido e aceito, Isabel Alarcão desenvolve⁴, por analogia, o conceito de escola reflexiva e apresenta dez idéias que traduzem o seu pensamento a esse respeito, aqui resgatadas no conteúdo, mas formuladas com algumas adaptações e apresentadas como pressupostos:

- Tomar como princípio que, em uma escola, o mais importante são as pessoas.
- Considerar que liderança, diálogo e reflexão-ação são fundamentais na gestão escolar.
- Construir e consolidar um projeto educativo próprio, explícito e compartilhado.
- Compatibilizar a dimensão local e universal da educação escolar.
- Garantir o exercício da cidadania no interior da própria escola.
- Articular as ações de natureza político-administrativa e curricular-pedagógica.
- Criar contextos que favoreçam o protagonismo e a profissionalidade dos professores.
- Incentivar o desenvolvimento profissional e a ação refletida de todos.
- Produzir conhecimento sobre a prática pedagógica e a vida da escola, buscando resposta para os desafios.
- Considerar que a escola e as pessoas são 'sistemas abertos', isto é, estão em permanente interação com o ambiente externo.

Esses são, segundo nos parece, os principais desafios da gestão de uma escola para fazê-la de qualidade, se entendermos que uma escola boa de fato é aquela que não apenas dá acesso ao conhecimento para todos que nela convivem, mas também cria condições para que todos se desenvolvam.

E, se concentrarmos o foco, 'colocando o *zoom*' especificamente na gestão da sala de aula, podemos considerar que os desafios são semelhantes para os professores.

Seriam estes, de modo geral:

- Tomar como princípio que, em uma sala de aula, o mais importante são os alunos.

³ Há quem prefira chamar uma escola desse tipo de 'reflexiva', como é o caso de Isabel Alarcão (2001), há quem prefira chamá-la de 'organização aprendente', como Michael Fullan, Andy Hargreaves (2000) e outros tantos. Rui Canário (2000), por exemplo, afirma que esse sentido metafórico de 'organização aprendente', de 'escola que aprende' se coloca quando aprendem coletivamente os seus atores, os seus autores, os sujeitos que nela atuam.

⁴ In Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- Considerar que liderança, diálogo e reflexão-ação são fundamentais na gestão do trabalho pedagógico.
- Construir e consolidar, tanto quanto possível, projetos explícitos e compartilhados com os alunos.
- Compatibilizar, no trabalho pedagógico, a dimensão local - as necessidades específicas da turma - e a dimensão geral - as demandas do projeto educativo da escola e do sistema de ensino.
- Garantir o exercício da cidadania no convívio cotidiano da sala de aula.
- Articular, na ação docente, a perspectiva do ensino e da gestão da classe.
- Criar contextos que favoreçam o protagonismo dos alunos.
- Incentivar o desenvolvimento de uma adequada postura de estudante pelos alunos e de compromisso com a própria aprendizagem.
- Produzir conhecimento sobre o que acontece no cotidiano, buscando respostas para os desafios - sempre que possível, coletivamente.
- Considerar a sala de aula e os alunos são 'sistemas abertos', isto é, estão em permanente interação com tudo o que está além deles próprios e da porta da classe.

Evidentemente nenhum educador conseguirá facilmente dar conta dessas tarefas sozinho. Para realizá-las é importante contar com o apoio de um coletivo forte e solidário. Mas para poder contar com o apoio de um grupo desse tipo, é preciso se empenhar em construí-lo cotidianamente: a força de um coletivo vem do envolvimento de cada um.

Esse investimento na construção de um verdadeiro espírito de equipe é fundamental por infinitas razões. Uma delas nos lembra Anton Makarenko: é uma incoerência pretender educar um coletivo sem ser, o educador, parte de um coletivo também.

Do que falamos quando falamos em objetivos, conteúdos e atividades?

As considerações que se seguem representam, de certo modo, o marco conceitual em relação à abordagem curricular e ao conhecimento didático: estão explicitadas, nesta parte, as concepções de objetivo e conteúdo de ensino, de atividade para ensinar e avaliar, de planejamento e avaliação e de modalidades de organização didática dos conteúdos.

Os objetivos

A formulação dos objetivos indicados nos Cadernos de Orientação Curricular apresenta as capacidades possíveis de serem desenvolvidas pelos alunos, quando a proposta de ensino é organizada segundo os pressupostos e os desdobramentos pedagógicos defendidos nesses materiais. Se os propósitos da Educação Básica, aqui enunciados, indicam algumas das principais tarefas das escolas para garantir o desenvolvimento das diferentes capacidades de seus alunos, nos objetivos que compõem as referências curriculares das diferentes áreas de conhecimento estão indicadas quais são estas capacidades - que coincidem com expectativas de alcance, com o que se considera desejável e necessário que todos os alunos aprendam durante o período letivo. Dessa perspectiva, o desenvolvimento das diferentes capacidades dos alunos é a razão de ser da educação escolar.

A definição dessas expectativas de alcance, evidentemente, não tem a intenção de padronizar as possibilidades dos alunos: há aqueles que, com certeza, irão muito além do que está estabelecido como expectativa e há outras que, por razões várias, não terão condições de conquistar os saberes previstos. A clareza a esse respeito não pode justificar, entretanto, a omissão por parte das Secretarias de Educação, que têm a responsabilidade institucional de zelar pelo direito à melhor aprendizagem possível para todos os alunos, de apresentar indicadores de referência para o ensino e de contribuir para minimizar as desigualdades no acesso ao conhecimento.

Os conteúdos

Na tradição pedagógica, o termo 'conteúdo escolar' foi utilizado para referir-se aos ensinamentos clássicos das disciplinas, ou seja, sempre esteve muito relacionado aos principais conceitos das áreas de conhecimento. Porém, o que hoje se tem é uma ampliação da concepção de conteúdo escolar, tomado como o que se ensina explicitamente ou se favorece que os alunos aprendam a fim de desenvolver diferentes capacidades - não só as de natureza cognitiva, mas todas as demais: físicas, afetivas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal...

Sabemos que as capacidades humanas se inter-relacionam de alguma forma, mas a depender do tipo, um ou outro aspecto predomina mais: além daquelas em que o aspecto cognitivo é preponderante, como pensar, ler e calcular, há as capacidades físicas, como correr, dançar e saltar; afetivas, como desenvolver autoestima e demonstrar sentimentos; éticas, como respeitar o outro e conviver com as diferenças; estéticas, como desenhar e apreciar a arte; de inserção social e de relacionamento interpessoal, como participar de grupos e conviver solidariamente.

Tal como hoje defendem vários estudiosos, são quatro os principais tipos de conteúdo escolar. Cada tipo requer tratamento didático diferenciado, porque são aprendidos de modo diferente, conforme demonstra a caracterização elaborada com base no que propõe Antoni Zabala em '*A prática educativa: como ensinar*' (1998), que segue abaixo.

Um primeiro tipo de conteúdo reúne fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos - que são informações de pouca ou nenhuma complexidade. Por exemplo: nomes de lugares, pessoas e objetos em geral, endereços, números de telefones, instruções simples... Esse tipo de conteúdo é aprendido basicamente mediante atividades de repetição e/ou cópia mais ou menos literal, a fim de serem memorizados - não requerem construção conceitual e são compatíveis com uma abordagem transmissiva, baseada no uso da linguagem verbal. De qualquer forma, para ensinar esse tipo de conteúdo é conveniente, sempre que possível, associá-lo a um ou mais conceitos, para que a aprendizagem não seja exclusivamente mecânica e que se apoie em relações estabelecidas com outros conteúdos mais significativos.

Outro tipo de conteúdo reúne conceitos e princípios. Os conceitos se referem ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns e os princípios se referem às mudanças que se produzem em um fato, objeto ou situação em relação a outros fatos, objetos ou situações, em geral relações de causa-efeito ou correlações. Por exemplo: energia, fotossíntese, território, cultura, sistema alfabético de escrita, sistema de numeração decimal, divisão... Esse tipo de conteúdo⁵ implica, necessariamente, compreensão e é aprendido por um processo de elaboração e construção pessoal, por aproximações sucessivas, por 'erros e acertos' nas interpretações, que vão se depurando conforme avança o entendimento. São boas atividades, nesse caso, as que favoreçam que aquilo que é objeto de conhecimento dos alunos se relacione com seus conhecimentos prévios, que mobilizem e potencializem essas relações, que apresentem desafios ajustados às necessidades e possibilidades de aprendizagem, que confirmem significado e funcionalidade ao que está sendo estudado, que requeiram o uso dos conceitos para descobrir, interpretar e verificar outras situações, construir outras ideias, adquirir outros saberes.

Esses dois tipos de conteúdo são os que a escola, ao longo da história, tem se ocupado em ensinar, embora cometendo o equívoco - geralmente de sérias consequências para a (não)aprendizagem dos alunos - de ensinar conceitos e princípios complexos com estratégias de repetição-fixação-memorização, ou seja, como se fossem informações simples, de fácil assimilação. Já os tipos de conteúdo descritos a seguir, também por um equívoco de efeitos semelhantes, em geral não têm sido tomados pela escola como 'conteúdos em si', mas como derivações do conhecimento de fatos e conceitos, o que, na prática, não se verifica...

Procedimentos, métodos, técnicas, destrezas ou habilidades e estratégias configuram outro tipo de conteúdo. Em geral, envolvem um conjunto de ações ordenadas, não são necessariamente observáveis e, conforme a natureza e complexidade, dependem do conhecimento de conceitos que permitam proceder desta ou daquela forma. Alguns exemplos: ginástica, dança, leitura, escrita, reflexão, estudo, pesquisa, cálculo mental, comparação... Conteúdos dessa natureza só se aprendem pela prática (pois é fazendo que se aprende a fazer) e a qualidade do desempenho requer exercitação frequente, aplicação em contextos diferenciados e reflexão sobre a própria atividade, o que possibilita a tomada de consciência da ação desenvolvida: para poder proceder melhor é importante poder refletir sobre a maneira como procedemos. As atividades devem, então, funcionar como contextos favoráveis para o uso desses recursos e, portanto, as atividades permanentes são privilegiadas, porque se caracterizam pela constância e pela regularidade.

Por fim, o outro tipo de conteúdo reúne valores, atitudes e normas. Valores são princípios ou afirmações éticas que permitem às pessoas emitir juízo sobre condutas e seus respectivos sentidos. Atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis para atuar de certo modo, de acordo com determinados valores. E normas são padrões ou regras de comportamento a serem seguidos em determinadas situações e que orientam a conduta de todos os membros de um grupo social, constituindo a forma pactuada de pôr em prática certos valores compartilhados por uma coletividade, que indicam o que pode/deve ou não ser feito. Alguns exemplos: solidariedade, cooperação, respeito, responsabilidade, liberdade, cuidado com o meio

⁵ Também as teorias - conjunto de regras ou leis, mais ou menos sistematizadas, aplicadas a uma área específica - podem ser incluídas nesse tipo de conteúdo.

ambiente, gosto pela leitura... Os processos vinculados à compreensão de conteúdos associados a valores, em geral, exigem reflexão, tomada de posição e elaborações complexas de caráter pessoal. Ao mesmo tempo, a apropriação e a interiorização do que está sendo compreendido requer envolvimento afetivo, o que, por sua vez tem relação com necessidades individuais, com o ambiente, com o contexto. Nesse sentido, são situações adequadas de ensino e de aprendizagem aquelas que de fato contribuem para estimular esses processos e funcionam como situações exemplares, pois apenas o discurso do 'dever ser' é totalmente ineficaz nesse caso: a coerência na postura, na abordagem e nas eventuais 'cobranças' de conduta é essencial.

Mas o fato de poder identificar as características predominantes nos conteúdos, bem como as principais estratégias de aprendizagem e, em consequência, as abordagens metodológicas mais adequadas, não significa que as apropriações do sujeito que aprende se dão de maneira isolada em cada caso, muito pelo contrário.

Ainda que no quadro de referências curriculares das diferentes áreas os conteúdos não sejam apresentados separadamente, conforme os tipos indicados acima, é importante ressaltar que predominam os procedimentos. Isso acontece porque, embora os diferentes componentes curriculares contem com conteúdos de todos os tipos, é a capacidade de uso do conhecimento o que mais importa. Em relação aos conceitos, por exemplo, o 'saber sobre' está sempre a serviço do 'saber fazer', ou seja, tudo o que o aluno aprende deve potencializar sua capacidade de proceder. Portanto, neste documento não se verá os conteúdos relacionados da maneira convencional: ao invés de breves listas com conceitos, temas e informações, quase sempre a forma de apresentá-los faz referência, mesmo que nem sempre direta, a um certo modo de trabalhar com eles, ou seja, está explicitado o que exatamente ensinar.

As atividades de ensino e aprendizagem

As atividades, tarefas ou situações de ensino e aprendizagem são as propostas feitas aos alunos para trabalhar um ou mais conteúdos. Há uma relação muito estreita entre objetivos, conteúdos e atividades porque os conteúdos, selecionados em função do tipo de capacidade que se espera dos alunos, são trabalhados a partir das propostas de atividade. Ou, dito de outro modo, é por meio das atividades que se tratam os conteúdos para que sejam desenvolvidas as capacidades indicadas como objetivos. Dessa perspectiva, o conteúdo 'está' potencialmente no objetivo, porque é este que define o que é preciso ensinar e 'está' potencialmente na atividade, à medida que ela é uma forma de abordá-lo.

As atividades de avaliação

Em relação às formas de avaliar, algumas considerações são necessárias.

A primeira delas é que nem sempre as atividades específicas para avaliar são as mais informativas sobre o processo de aprendizagem: a observação cuidadosa do professor e a análise do conjunto da produção escolar do aluno, geralmente, são muito mais informativas sobre o seu nível de conhecimento.

Outra consideração importante é que qualquer atividade planejada especificamente para avaliar deve ser semelhante às que o aluno conhece, isto é, não deve se diferenciar, na forma, das situações de ensino e aprendizagem propostas no cotidiano. Isso não significa, entretanto, que as atividades devam ser iguais, mas sim que o aluno tenha familiaridade com a tarefa proposta e com a consigna (a forma de solicitar a tarefa). Se a tarefa nunca foi solicitada antes e o tipo de consigna é estranho ao que ele está acostumado, não será possível saber ao certo se o desempenho apresentado é o 'seu melhor' ou se foi influenciado negativamente pelo desconhecimento daquele tipo de proposta. Não faz sentido, por exemplo, avaliar o entendimento dos textos com questões de responder ou completar se no cotidiano elas são de

múltipla escolha e vice versa. Esse é, inclusive, um dos principais problemas que podem surgir nas avaliações externas, quando elas se organizam de modo diferente do que é utilizado no cotidiano. Por essa razão, é importante incorporar ao trabalho pedagógico também as formas de avaliar usadas nas provas externas, para que os alunos possam se familiarizar com elas naturalmente.

E há atividades que são as melhores para o aluno aprender, mas não servem para avaliar: uma situação de aprendizagem deve favorecer que o aluno ponha em jogo o que já sabe, estabeleça relações, conecte o que está aprendendo ao seu conhecimento prévio e daí por diante; já uma situação de avaliação deve favorecer que ela explicita o que já sabe... Portanto, são tarefas bastante diferentes, que nem sempre são compatíveis no mesmo tipo de proposta. Se o objetivo é, por exemplo, desenvolver o gosto pela leitura e o interesse pelos livros e demais portadores textuais, uma excelente proposta será o professor ler em voz alta bons textos de diferentes gêneros e portadores para os alunos. Mas ler em voz alta para eles não permite avaliar se estão de fato desenvolvendo interesse pela leitura, pelos textos e portadores. Isso é algo que se poderá verificar observando as escolhas que fazem, os seus comentários, as atitudes durante as situações de leitura... Ou seja, nem tudo que é bom para ensinar, é bom para avaliar.

A avaliação da aprendizagem dos alunos pressupõe ter em conta não só os resultados obtidos nos momentos específicos para avaliar, mas também (e principalmente) o conhecimento prévio que eles tinham sobre aquilo que se pretendia que aprendessem, o seu percurso de aquisição de conhecimento e a qualidade das propostas (atividades, agrupamentos, intervenções), para poder redimensioná-las quando os resultados não forem os esperados. Dessa perspectiva, o processo de avaliação deve apoiar-se em três tipos de propostas:

Observação sistemática - acompanhamento do percurso de aprendizagem do aluno, utilizando instrumentos de registro das observações.

Análise das produções - observação criteriosa do conjunto de produções do aluno, para que, fruto de uma análise comparativa, se possa ter um quadro real das aprendizagens conquistadas.

Análise do desempenho em atividades específicas de avaliação: verificação de como o aluno se sai nas situações planejadas especialmente para avaliar os seus conhecimentos prévios sobre o que se pretende ensinar e para avaliar o quanto aprendeu sobre o que já foi trabalhado.

Conforme o objetivo que se tenha, a proposta mais adequada será uma ou outra:

- a observação dos alunos em atividade é essencial para avaliar atitudes e procedimentos;
- a análise comparativa de suas produções e dos registros das observações feitas é o que indicará o percurso de aprendizagem e a evolução do seu conhecimento;
- o uso de atividades específicas para avaliar determinados conteúdos é importante quando se pretende verificar se/ou quanto esses foram aprendidos em um período de tempo.

Quando a proposta é esta última, de avaliação de desempenho, e o aluno já sabe o que isso significa e para que serve, é importante, então, deixar claro o que se pretende avaliar (e por que razão), para que ela procure 'dar o melhor de si' nesses momentos. E devem ser atividades a serem realizadas individualmente e sem ajuda, a menos que o propósito seja analisar como ele procede em parceria com os demais colegas ou com a ajuda do professor. A prova é, portanto, apenas um dos instrumentos possíveis de avaliação, e não o único e nem o mais adequado, a depender do tipo de conteúdo. Se bem planejada, a prova é um recurso que pode ser oportuno para avaliar o conhecimento do aluno sobre fatos e conceitos, mas nem sempre servirá para avaliar atitudes e procedimentos, que são os conteúdos mais recorrentes nos anos iniciais.

Para avaliar adequadamente a aprendizagem, é preciso ter sempre como referência três parâmetros, tomados simultaneamente como critério geral: o aluno em relação a ele mesmo, em relação ao que se espera dele e em relação aos demais colegas que tiveram as mesmas oportunidades escolares.

Avaliar o aluno em relação a ele mesmo significa considerar o que ele sabia antes do trabalho pedagógico realizado pelo professor e comparar esse nível de conhecimento prévio com o que ele demonstra ter adquirido no processo.

Avaliar o aluno em relação ao que se espera dele pressupõe ter expectativas de aprendizagem previamente definidas (o que, neste Caderno, está indicado como objetivos e conteúdos) e utilizá-las como referência para orientar as propostas de ensino e de avaliação.

E avaliar o aluno em relação aos demais que tiveram as mesmas oportunidades escolares é apenas uma forma de complementar as informações obtidas a partir dos dois primeiros parâmetros: a comparação do desempenho dos alunos só tem alguma utilidade se contribuir para entender melhor porque eles aprenderam ou não o que se pretendia ensinar.

Considerar ao mesmo tempo esses três parâmetros é condição para avaliar de maneira justa.

Uma nota sobre conceitos de avaliação

Vivemos tempos em que a prática da avaliação externa nos sistemas de ensino tem se intensificado, provocando certos mal-entendidos em relação a algo nem sempre bem compreendido: a razão de ser, a real função da avaliação da aprendizagem dos alunos.

Em hipótese alguma o processo de avaliação de aprendizagem desenvolvido pelo professor pode se confundir com a proposta de avaliação externa que hoje se faz, baseada em alguns indicadores bastante específicos.

Vejamos por que.

Avaliação de aprendizagem é o processo de verificação do nível de conhecimento demonstrado pelo aluno e do nível de desenvolvimento das capacidades colocadas como objetivos do ensino, com a finalidade de subsidiar o trabalho pedagógico do professor, de possibilitar que ele ajuste as propostas de ensino às possibilidades e necessidades de aprendizagem de sua turma. Ou seja, a avaliação de aprendizagem está a serviço do planejamento do ensino. E dessa perspectiva, como dissemos, pressupõe avaliar o aluno em relação a si mesmo, ao que se espera dele e ao que conquistaram os demais alunos da turma. Isso é algo que somente o professor pode fazer.

Já a avaliação externa, que se realiza através de provas estruturadas com base em uma matriz de referência única (como as do SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica e Prova Brasil, realizadas pelo MEC, bem como as avaliações elaboradas e aplicadas pelas próprias Secretarias de Educação), tem a finalidade de identificar o nível de desempenho dos alunos em relação a alguns objetivos e conteúdos considerados relevantes em um determinado momento, para consequentemente poder identificar como estão se saindo os sistemas de ensino e suas escolas no que diz respeito ao trabalho com esses objetivos e conteúdos. A perspectiva central é orientar as políticas públicas e, em alguns casos, também a destinação de recursos para a educação.

Assim, esses dois tipos de avaliação não se coincidem e nem se excluem: com as provas externas se pretende avaliar exclusivamente o desempenho dos alunos em alguns aspectos e, dadas as suas características e os seus limites, as provas não “alcançam” o processo de aprendizagem como um todo, tanto porque se pautam em apenas uma parte dos objetivos/conteúdos do ensino como porque não incluem um dos principais parâmetros a considerar: a análise dos saberes conquistados pelo aluno por comparação ao próprio conhecimento, antes.

Confundir esses dois processos avaliativos - ou atribuir à avaliação externa maior importância - teria como consequência pelo menos três equívocos inaceitáveis, com efeitos desastrosos para os alunos:

- considerar como conteúdo relevante apenas o que é priorizado nas provas;

- usar como critérios de avaliação justamente os parâmetros que menos consideram o sujeito da aprendizagem (isto é, o desempenho do aluno em relação ao que dele se espera e em relação a como se saem os demais alunos do ano/série/turma);
- tomar como referência única para todos os alunos de uma escola ou de uma cidade indicadores que não levam em conta certas peculiaridades que, por vezes, justificam projetos e conteúdos específicos, ajustados às necessidades que se identifica.

A cada uma o seu devido lugar, portanto: a avaliação externa é importante e necessária, mas não é ela a orientar o ensino no dia-a-dia da sala de aula. Como indicam os propósitos das escolas relacionados anteriormente, é preciso considerar os indicadores das provas externas como uma demanda contextual necessária, que devem, sim, ser tomados como referência na organização do trabalho pedagógico, mas não como “a” razão da educação escolar, porque a função social da escola não pode de forma alguma se confundir com a tarefa exclusiva de preparar os alunos para “irem bem” nas provas externas.

Nenhuma iniciativa concebida “de fora” pode substituir uma proposta de avaliação criteriosa, qualitativa, formativa, planejada e desenvolvida e pelo professor para iluminar suas escolhas pedagógicas.

Breves considerações sobre os temas transversais ao currículo

A questão dos temas transversais, como componentes do currículo, ganhou relevância especialmente a partir da publicação dos parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. A perspectiva, na época (1997), era de que algumas questões sociais precisavam ser abordadas no currículo escolar de todas as escolas do país - ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural - e outras deveriam ser selecionadas localmente, no âmbito da Secretaria de Educação ou das escolas, conforme a importância que tivessem.

Seguindo a tendência predominante naquele momento, a proposta para esses temas era de um tratamento transversal nas áreas curriculares afins, muito mais compatível com sua natureza e complexidade do que seria a abordagem em uma única disciplina. Não se constituíam em novas disciplinas, muito pelo contrário, mas em um conjunto de temas transversalizados em várias, contempladas na concepção, nos objetivos, nos conteúdos e nas orientações didáticas de cada uma delas. A transversalidade pressupõe sempre um tratamento integrado das áreas curriculares relacionadas aos temas selecionados.

Como esse tipo de abordagem era pouco familiar aos educadores até então, a opção - nos Parâmetros Curriculares de Ensino Fundamental - foi por uma apresentação das propostas de trabalho com esses temas sociais considerados relevantes em duas perspectivas: as propostas não só foram transversalizadas na concepção, nos objetivos, nos conteúdos e nas orientações didáticas de cada disciplina, mas foram também reunidas em publicações específicas de cada um dos temas, onde se aprofundou a fundamentação metodológica.

Passada mais de uma década, e com esses subsídios todos disponíveis, nestas Orientações Curriculares a opção não foi por organizar documentos específicos por temas: as questões da ética, da saúde, do meio ambiente, da sexualidade e da pluralidade cultural estão transversalizadas no quadro curricular das disciplinas afins.

O lugar da História e da Cultura Afro-Brasileira na educação escolar

Desde 2003, a Lei 10.639 tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, o que representa uma importante conquista, resultado da luta de professores, pesquisadores e militantes comprometidos com o justo tratamento dessa questão na educação escolar. Para tanto, cabe à toda escola assegurar o estudo da história da África e dos africanos, da opressão, resistência e luta dos negros no Brasil, das influências dos negros na formação da sociedade brasileira do ponto de vista cultural, social, econômico e político.

A perspectiva é a de garantir que os alunos aprendam sobre o processo histórico que teve como característica a presença do negro no Brasil, sobre as causas que determinaram - e determinam até hoje - as suas condições de vida e trabalho, bem como a exclusão social de grande parte da população negra em nosso país. E, por outro lado, garantir que os alunos aprendam sobre a dimensão e riqueza da contribuição trazida pela cultura e pelo povo africano para a formação da nossa identidade como brasileiros e para que possam, acima de tudo, desenvolver atitudes positivas e não discriminatórias em relação não apenas aos negros, mas a todas as pessoas, quaisquer que sejam as suas características.

Segundo o que prevê a Lei 10.639, esses conteúdos deverão ser trabalhados, de modo geral, em todo o currículo escolar, mas mais especificamente nas áreas de Arte, Literatura e História. Quando a escola ainda não desenvolve plenamente uma prática pedagógica nesse sentido, uma alternativa valiosa é o planejamento de projetos interdisciplinares que favoreçam a abordagem dos conteúdos a partir de perspectivas das diferentes áreas curriculares. O trabalho coletivo necessário para planejar e realizar projetos integrados tem sempre a vantagem de favorecer o avanço do conhecimento docente sobre os temas e as possibilidades didáticas mais interessantes para abordá-los de maneira adequada.

Uma escola inclusiva e comprometida com a formação de todos os alunos é aquela capaz de comunicar as práticas culturais e os conhecimentos historicamente produzidos que são tomados como conteúdo nas diferentes áreas curriculares e, ao mesmo tempo, é capaz de instrumentalizá-los para que desenvolvam valores éticos e atitudes necessárias a um convívio social fraterno, pautado na aceitação da diferença, na justiça e no repúdio a qualquer forma de discriminação.

Referências Curriculares

Breves considerações sobre o ensino da Educação Física

Para iniciar uma breve reflexão sobre as características do ensino da Educação Física nessa etapa da escolaridade, devemos considerar dois aspectos que influenciaram o desenvolvimento e a implementação de propostas curriculares para a Educação Física no ensino médio. O primeiro se apoia em dados estatísticos: mais de cinquenta por cento dos alunos do ensino médio estudam no período noturno. O segundo se relaciona ao primeiro a partir de uma legislação específica, ainda na vigência da LDB anterior: os alunos do curso noturno, na sua maioria trabalhadores, tinham como dispositivo legal a dispensa das aulas de Educação Física. Desta forma, tal dispositivo legal já indicava uma desvalorização do universo de conhecimento da área para a formação do aluno e uma dificuldade, dos profissionais da educação física, em definir objetivos para essa etapa da formação; objetivos que fossem pensados para além dos indicadores de eficiência centrados na técnica e tática de algumas modalidades esportivas, tradicionalmente definidas no currículo.

A atual LDB (9394/1996) não representou avanço significativo para o ensino da Educação Física no ensino noturno, que passa a ser facultativo para os alunos cursarem assim como para as escolas oferecerem. Intensas discussões e debates foram promovidos nas universidades, órgãos representativos de classe, secretarias estaduais e municipais de educação, entre outros, mas nada efetivamente resultou em avanço, e um novo decreto suscitou novas reflexões conforme apresentado nos PCNEM de 2007.

Decreto-Lei nº 10.793/03, que isenta da prática da Educação Física vários alunos e alunas julgados ora como incapazes, ora como privilegiados. Entre os alunos "dispensados" encontram-se os trabalhadores com jornada superior a seis horas; mulheres com prole; maiores de 30 anos; pertencentes ao serviço militar; portadores de deficiência. O Decreto em questão pressupõe um padrão que exclui justamente a diversidade de trajetórias de vida dos alunos que frequentam a escola. (MEC, PCNEM - 2007)

Apesar da aparente imobilidade no cenário para o desenvolvimento de um currículo de educação física no curso noturno e da lógica de um decreto baseada exclusivamente no significado da educação física relacionado à prática de atividades físicas, que acabou por ampliar as categorias de alunos com direito a dispensa, a elaboração dos parâmetros curriculares para o ensino médio apontou para novas possibilidades ao propor uma reorganização da lógica curricular por áreas de conhecimento: Ciências Humanas e suas tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas tecnologias.

A perspectiva da interdisciplinaridade enfatizada no PCNEM, que agrupa disciplinas em áreas de conhecimento, além de favorecer a elaboração de projetos mais integrados, contribuiu para a elaboração de objetivos mais amplos para a educação física. Ao definir a educação física como conhecimento relativo à área de linguagem, favoreceu-se o aprofundamento do tratamento dado ao seu objeto de conhecimento no ensino fundamental: a *cultura corporal de movimento* como produção cultural. Desta forma, um conhecimento comunicativo, expressivo, carregado de valores e significados que precisam ser interpretados, ressignificados e reelaborados para serem usufruídos. Portanto, um campo da cultura humana de direito de todo cidadão. Essa perspectiva favorece a elaboração de objetivos para além dos tradicionais de ordem técnica, definidos sobre critérios de eficiência prática, desarticulando a lógica do dispositivo que dispensa o aluno no ensino médio noturno, assim como todos os incluídos no Decreto-Lei nº10793/03.

Ainda que a reversão de um decreto e a valorização da educação física não se dê simplesmente pelo entendimento de que o conhecimento pertence à área de linguagens, códigos e suas tecnologias, um passo fundamental foi dado na direção da formulação de objetivos, o que implica em formar professores capazes dessa tarefa e de desenvolver situações de ensino e aprendizagem reais e possíveis para atingi-los.

Os parâmetros curriculares trouxeram para a discussão dos professores o tratamento dos conteúdos nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal. Essas orientações curriculares avançam um nível a mais na concretização do planejamento, sugerindo o tratamento dos conteúdos integrando essas dimensões, que foram separadas a título de entendimento e compreensão, mas que na realidade são indivisíveis na dinâmica da aprendizagem. As dimensões dos conteúdos foram separadas para estudo e análise do desenvolvimento dos alunos na relação com o conhecimento, contribuindo para avaliar e precisar melhor as intenções educativas e as intervenções que serão realizadas.

O desenvolvimento do currículo de educação física a partir dessa abordagem contribui para ampliar o entendimento sobre as competências que podem ser trabalhadas na relação com a cultura corporal e permite aproximar as intenções educativas específicas das mais gerais, presentes nos outros componentes curriculares. Desta forma, garante-se a especificidade da educação física, valorizando a produção de conhecimento da área, ao mesmo tempo em que se amplia o entendimento das contribuições e do significado para a formação integral dos alunos.

Contribuições à formação dos alunos

Sentir-se incluído no grupo está entre as prioridades que acompanham o jovem desde o início da adolescência. Pertencer a um determinado grupo significa experimentar um estilo diferenciado de ser no qual, paradoxalmente, comportamentos, posturas e valores padronizados contribuem para a construção das identidades. Nessa construção, as experiências corporais adquirem uma dimensão significativa, cercada de dúvidas, conflitos, desejos, expectativas e inseguranças. Quase sempre influenciados por modelos externos, o jovem e o adolescente questionam a sua autoimagem em relação à beleza, capacidades físicas, habilidades, limites, competências de expressão e comunicação, interesses etc.

A padronização de modelos de beleza, desempenho, saúde e alimentação, impostos pela sociedade de consumo, contribui para a cristalização de conceitos e comportamentos estereotipados e alienados, tornando a discussão, a reflexão e a relativização de conceitos e valores, uma permanente necessidade.

Por se encontrarem próximos à conclusão de uma etapa da escolaridade, os adolescentes sofrem uma pressão para definir as ações que vão empreender para concretizar seu projeto de vida. Além disso, os próprios adolescentes procuram por oportunidades onde possam atuar com mais decisão, demonstrando uma maturidade que estão empenhados em construir. Considerando essa necessidade, não se trata de cobrar dos jovens decisões sobre seu futuro, mas de proporcionar experiências de fazer projetos para aprender a fazê-los e adequá-los ao seu desejo de realização profissional e de vida nos anos futuros de vida adulta. O projeto para a educação física no ensino médio deve considerar a inclusão dos jovens como co-elaboradores das propostas de ensino e aprendizagem, considerando sua realidade social e pessoal, favorecendo a percepção de si e do outro, trazendo para o trabalho suas dúvidas e necessidades de compreensão dessa mesma realidade.

Para que a Educação Física possa contribuir na elaboração desses projetos é necessário relacioná-la às questões mais significativas para os jovens, promovendo a reflexão e o estabelecimento de relações entre os conteúdos da cultura corporal de movimento e, por exemplo, temas relacionados com a saúde e a qualidade de vida, com a comunidade a qual pertencem, com a mídia e as influências sobre o comportamento e valores. É importante que

esses temas, focados a partir da abordagem da cultura corporal, se relacionem aos projetos dos adolescentes e que proporcionem condições para aplicar as aprendizagens ao planejamento de suas vidas.

Essa orientação curricular deve ser entendida como uma referência para o desenvolvimento do trabalho, a partir da qual professores e alunos criarão modelos para o desenvolvimento do plano de ensino específico de cada unidade escolar, portanto, para o diálogo contínuo com o planejamento das aulas, das sequências didáticas e projetos que estão sendo vivenciados pelos alunos. Através das vivências dos projetos e sequências didáticas conseguimos levar os alunos a construir os recursos necessários para lidar com as experiências passadas, ressignificá-las e ampliá-las; conseguimos também estimular o desenvolvimento do “ser responsável”, partilhando com os adolescentes a responsabilidade pela gestão do processo de educação.

O acesso à cultura corporal de movimento representa uma oportunidade de diálogo com o ambiente cultural, com tradições, sentidos e significados que as diferentes práticas transformam e ressignificam a cada tempo e contexto. Partindo da necessidade de educar os jovens para uma vida mais autônoma, direcionada para a emancipação, o projeto de educação física para o ensino médio deve favorecer o desenvolvimento dos jovens para que consigam projetar a continuidade daquilo que foi aprendido, através do planejamento e organização de práticas de lazer e convivência considerando as necessidades individuais e de diferentes grupos. Os conteúdos da cultura corporal podem se constituir em excelentes recursos na elaboração de projetos pessoais, finalizando a etapa de formação da educação básica.

Aprender dessa cultura significa dialogar com o outro a partir de jogos, brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes. Devemos também considerar que esse diálogo se dará a partir de conteúdos historicamente relevantes da educação física e que são portadores de valores. Alguns deles, como o esporte, muitas vezes são estabelecidos e transmitidos por uma cultura dominante e hegemônica, pela mídia atrelada à indústria do consumo, mantendo o que está previamente estabelecido sem uma reflexão crítica. Assim, por trás da escolha de cada conteúdo se faz presente uma opção política, ética e estética; por trás da concepção e da metodologia de ensino, revela-se uma perspectiva mais ou menos crítica, mais ou menos emancipatória.

Dessa forma, mais do que o conteúdo tradicional entendido como conjunto de técnicas a serem aprendidas, ou seja, tudo aquilo que é preciso ensinar explicitamente, é importante que o professor crie condições para que o aluno aprenda, estabeleça um diálogo entre o jovem e o conhecimento, entre os jovens, entre eles e os professores e com a comunidade e a cultura em que estão todos inseridos. Aponta-se aqui uma perspectiva metodológica que tem como eixo o diálogo com o conhecimento e não a aprendizagem de um conteúdo estático, acabado e pré-determinado. É nesta capacidade comunicativa e dialógica que enxergamos a contribuição da educação física na formação dos alunos: a possibilidade de um aluno que se quer autônomo e crítico, participativo e emancipado na construção do ambiente de convívio social, a partir das práticas da cultura corporal.

Educação Física e as outras áreas curriculares

A perspectiva da organização do currículo em grandes áreas de conhecimento precisa deixar de ser possibilidade para tornar-se uma prática reflexiva nas escolas. A valorização da educação física como área de conhecimento adquire novo impulso dentro da formação integral do aluno para além do que se refere às aprendizagens das práticas, do saber fazer e do saber jogar, incluindo as capacidades interpretativas, organizativas e a leitura crítica desse universo cultural.

O desenvolvimento do currículo da educação física no ensino médio, dentro da área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias, amplia-se na integração com disciplinas que

tradicionalmente desenvolvem competências de interpretação e comunicação. Os Projetos interdisciplinares podem contribuir com essa integração de saberes, garantindo a especificidade do conhecimento da área no desenvolvimento de competências para acessar, interpretar, transformar e usufruir da cultura corporal.

Temos observado, ao longo dos últimos anos, projetos de educação física mais articulados com outras disciplinas, especialmente em escolas em que os projetos estão se tornando uma modalidade organizativa mais frequente. Nos projetos, os alunos vão se apropriando do conhecimento a partir da investigação sobre uma boa pergunta, que derruba os muros das áreas de conhecimento, permite atravessar fronteiras em busca das respostas, da compreensão de um fenômeno, principalmente daquilo que, naquele momento, se tornou importante e significativo.

Quando pensamos na formação do professor reflexivo, capaz de desenvolver um programa articulado com as outras áreas e significativo para os alunos, sabemos do desafio para superar uma prática anterior, característica tanto da formação do professor de educação física como também de outras disciplinas, todos formados para ensinar o que se descreveu com específico da “disciplina”, muito mais na lógica do ensino do que na da aprendizagem.

O histórico da área, no que se refere à formação do professor de educação física, esteve atrelado ao ensino de técnicas de algumas práticas esportivas como futebol, basquete, vôlei, handebol, atletismo; algumas práticas de ginástica, como alongamento para aquecimento; exercícios de fortalecimento; abdominais; e jogos para recreação e entretenimento de todos os alunos. A partir desta formação voltada para o ensino de práticas, um modelo afeito ao de ‘instrutor de modalidades’ ou de ‘recreacionista’ precede o profissional que tem como representação da sua função social o ensino específico de técnicas. É exatamente essa representação da função social que deve ser superada e ampliada. A aprendizagem técnica dos procedimentos relacionados ao fazer, jogar, saltar etc., é importante e deve ser incluída nas expectativas de aprendizagem para cada ano, mas não é suficiente quanto à necessidade de explicitação dos objetivos da área. A dificuldade específica da Educação Física está na elaboração de objetivos mais amplos, que considerem a aprendizagem específica na área, mas que também levem em conta o desenvolvimento de capacidades e competências relacionadas e pretendidas também por outras matérias curriculares. É dessa formulação de objetivos ampliados que surge um novo critério para a seleção de conteúdos, também mais amplos, que contemplem a aprendizagem específica aliada ao desenvolvimento de capacidades e competências. A partir desta nova formulação de objetivos e conteúdos são elaboradas as propostas com as demais áreas curriculares.

O ingresso no Ensino Médio também pode ser pensado como um ritual de passagem, em que, simbolicamente, o aluno pode ver-se modificado, desenvolvendo a capacidade para intervir sobre si mesmo, e, desta forma, construir os recursos necessários para lidar com as experiências passadas que o levaram a construir, quem sabe, uma baixa autoestima com relação ao esporte e à educação física praticados na escola, nos anos anteriores. Portanto é necessário incluir no projeto para o Ensino Médio uma abordagem que se pretende interdisciplinar e que considere a construção da identidade.

As classes de primeiro ano do Ensino Médio são formadas em sua maioria por alunos vindos de diferentes escolas, o que significa que o professor não poderá ter como expectativa que eles tenham tido as mesmas experiências no passado, ou que se encontrem em mesmo momento da aprendizagem, por exemplo, de habilidades esportivas. Desta forma, a perspectiva que se coloca é trabalhar com uma intenção subjacente aos objetivos e conteúdos previstos para cada ano, uma espécie de “pano de fundo” que sirva como orientador para o desenvolvimento do trabalho na direção de uma maior autonomia dos alunos dentro do processo. Todos os saberes obtidos nas diferentes áreas do conhecimento que contribuam para a ampliação do conhecimento, com a consequente superação das dificuldades da aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia deverão ser enfatizados.

No primeiro ano, o eixo ou pano de fundo do trabalho será *ressignificar e ampliar* os conhecimentos já construídos pelos alunos nos anos anteriores. Assim, utilizar as diferenças individuais, as diferentes histórias e experiências vividas pelos alunos, será uma forma de aproximá-los da Educação Física. Novas vivências poderão ser criadas a partir de práticas anteriores, reconstruindo conceitos, ideias, preconceitos e alguns “significados” para ampliar a participação do aluno, logo, sua inclusão no grupo. Todas as relações possíveis com as outras áreas de conhecimento que ajudem a entender a aprendizagem pessoal, bem como o desenvolvimento da cultura corporal nos diferentes contextos de criação, e que favoreçam sua ressignificação, serão enfatizadas nesse primeiro ano do ensino médio.

Para o segundo ano, a intencionalidade por trás dos objetivos está na ideia de aprofundamento; aprofundar os conhecimentos, ampliando o protagonismo dos alunos, isto é, um tipo de organização das atividades com maior participação e responsabilidade de todos pela própria construção de seu conhecimento.

Por fim, a intencionalidade por trás dos objetivos no terceiro ano está direcionada para fortalecer e efetivar a autonomia do aluno, uma ideia relacionada à continuidade para além do ensino médio. Todas as atividades que favoreçam a organização e a auto-organização, que impliquem em comunicação e consensos entre grupos, de forma a viabilizar a prática para todos, com suas diferentes expressões, são bem vindas para esse ano. Dar continuidade àquilo que foi aprendido, através do planejamento e organização dos espaços das diversas práticas da Educação Física e aprofundar a capacidade de planejar e de organizar os espaços de prática, de lazer e de convivência, será o eixo dos objetivos para esse ano, finalizando a etapa de formação da educação básica.

O acesso de todos os alunos à cultura corporal, pautado pelo diálogo com o conhecimento, adquire um caráter comunicativo de valores, técnicas e métodos, imagens e símbolos, conceitos científicos, contextos históricos, geográficos, políticos, étnicos, o que favorece um tratamento metodológico articulado com as demais áreas.

Algumas considerações sobre a avaliação em Educação Física

No quadro de referências curriculares deste documento, são apresentados indicadores de avaliação da aprendizagem que permitem registrar a evolução das capacidades descritas nos objetivos. Mas cabe aqui também uma breve reflexão sobre os instrumentos de avaliação.

A proposta é que os momentos de avaliação e os respectivos instrumentos se configurem nas atividades desenvolvidas ao longo do trabalho, por isso alguns indicadores e instrumentos aparecem descritos nas próprias atividades.

Em qualquer caso, é importante que os alunos saibam não só o que está sendo avaliado, mas também por que, para que, quando e como estão sendo avaliados. Isso significa que eles precisam conhecer e partilhar os objetivos propostos, que devem representar metas claras e significativas para todos, bem como ter informações claras sobre os diferentes tipos/momentos desse processo:

- avaliação inicial e diagnóstica - utilizada para identificar os conhecimentos prévios;
- avaliação reguladora - utilizada para ajustar o ensino às necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos, a partir de suas respostas durante as atividades;
- avaliação final - integrando e fechando um tempo do processo de aprendizagem quando se avalia o que de fato se aprendeu em relação aos objetivos.

Nesses três momentos, é fundamental que as atividades sejam significativas e, em alguns casos, podem ser realizadas pelos alunos seguidas do próprio registro do desempenho em relação aos indicadores de aprendizagem. Esse ponto merece uma atenção especial no planejamento, pois temos pelo menos dois bons motivos para descentralizar a avaliação frequentemente planejada, aplicada e utilizada apenas pelo professor.

O primeiro se refere ao significado da avaliação no planejamento: quando os objetivos e conteúdos são apresentados com clareza aos alunos, discutidos e ajustados com o grupo, estes são efetivamente considerados colaboradores valiosos do processo de ensino e agentes do processo de aprendizagem.

O segundo está relacionado à gestão do tempo da avaliação: quando as decisões em relação a quando avaliar as capacidades dos alunos estão concentradas apenas na figura do professor, isso circunscreve o planejamento e a realização da avaliação aos momentos de aula e a consequência é que alguns indicadores podem não ser observáveis, em função das turmas serem geralmente numerosas.

Se, entretanto, o processo avaliativo for partilhado com os alunos, se eles puderem atuar também como observadores dos indicadores de aprendizagem, ou mais, se também participarem do estabelecimento de alguns critérios de avaliação, será possível que, também eles, acompanhem a evolução de seu percurso pessoal de desenvolvimento.

Um exemplo de como isso pode ser feito é o seguinte:

Considerando como indicador de avaliação a melhoria da habilidade motora na realização de um gesto esportivo (fundamento técnico), uma possibilidade é planejar o instrumento com os alunos, para que possam observar a evolução deste gesto em situações de prática, como por exemplo uma planilha de observação tal como as utilizadas para “scout” em partidas de futebol - onde se registra o número de passes certos, os chutes a gol, escanteios cobrados etc. Essa proposta permite que, no momento que alguns alunos realizam o que se pretende avaliar, outros observem e registrem o seu desempenho nesse instrumento de gestão individual (por exemplo, duplas de alunos que se acompanham um ao outro durante atividades em que um joga e outro observa, depois o outro joga e o primeiro observa).

Os indicadores utilizados na planilha podem ser definidos/combinados para todos os alunos ou podem ser diferenciados e específicos por agrupamentos e devem ser registrados não só pelos alunos, em situações mais cotidianas, mas também pelo professor, em momentos pontuais. Esses registros são importantes para a reflexão coletiva nas rodas de conversa que se seguem às práticas. Também a participação dos alunos nesses momentos e a responsabilidade demonstrada para registrar a atuação não só do outro, mas também a própria, são atitudes importantes a considerar na avaliação - outras podem ser observadas a partir de indicadores relacionados a disponibilidade e envolvimento durante as atividades, por exemplo, para persistir e superar desafios.

Como se pode ver, os registros possíveis a partir desse tipo de instrumento são contribuições valiosas para a avaliação do processo de aprendizagem, porque favorecem a análise dos avanços identificados pelo professor a partir da primeira avaliação diagnóstica, bem como o ajuste das propostas de ensino às possibilidades e necessidades dos alunos.

Objetivos do ensino

Tomando-se como referência os propósitos da escola apresentados anteriormente e o conjunto de orientações pedagógicas contidas neste documento, a expectativa é de que os alunos sejam capazes de

Até o final do 1º ano:

- Identificar experiências pessoais anteriores, relacionadas às práticas da cultura corporal, que precisem ser ressignificadas para favorecer o desenvolvimento individual e coletivo, reconhecendo, no diálogo sobre a experiência vivida e na promoção de novas vivências, oportunidades de construir uma autoimagem positiva quanto a sentimentos de competência, pertencimento e realização.
- Identificar e relacionar o conhecimento sobre os limites e possibilidades do próprio corpo com conhecimentos científicos da fisiologia do exercício e biomecânica, de forma a poder controlar algumas de suas posturas e atividades corporais, bem como selecionar atividades e procedimentos, com autonomia.
- Demonstrar autonomia na elaboração de atividades relacionadas à cultura corporal com finalidade de lazer, assim como capacidade para discutir e modificar regras, adaptar materiais e espaços, reconhecendo e valorizando o lazer como um direito do cidadão.
- Identificar os valores e informações divulgados pela mídia com relação à saúde, beleza e qualidade de vida, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura crítica e autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.
- Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo as diferenças de desempenho, linguagem e expressão, ampliando os conhecimentos para continuar aprendendo e usufruindo dessa cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo.
- Utilizar conhecimento para realizar práticas corporais com maior grau de consciência, fazer a gestão sobre suas atividades de modo mais autônomo, e se responsabilizar pelo próprio desenvolvimento.

Até o final do 2º ano:

- Ampliar e aprofundar os conhecimentos adquiridos, favorecendo a consciência das possibilidades motoras e a construção de autoimagem positiva em relação às práticas da cultura corporal.
- Utilizar os conhecimentos científicos adquiridos para a elaboração de atividades corporais com autonomia, por meio do planejamento, da sistematização e seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.
- Demonstrar autonomia na elaboração de atividades relacionadas à cultura corporal com finalidade de lazer, e capacidade para discutir, modificar regras, adaptar materiais e espaços visando adequar as atividades a diferentes grupos, reconhecendo e valorizando o lazer como um direito do cidadão.

- Identificar valores e informações divulgados pela mídia com relação à saúde, beleza e qualidade de vida, para poder adotar uma postura crítica e autônoma na escolha de atividades e procedimentos para melhorar a própria qualidade de vida.
- Aprofundar o conhecimento sobre as diferentes manifestações da cultura corporal, identificando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão com maior autonomia para continuar aprendendo e usufruindo dessa cultura no desenvolvimento pessoal e coletivo.
- Aprofundar o conhecimento para realizar práticas corporais com maior grau de consciência, fazer a gestão das atividades de modo mais autônomo, responsabilizando-se pelo próprio desenvolvimento e do grupo.

Até o final do 3º ano:

- Aprofundar o conhecimento sobre as práticas da cultura corporal de forma a favorecer a consciência sobre as possibilidades motoras, a percepção e o entendimento que a autoimagem relacionada às práticas da cultura corporal está sempre em construção.
- Utilizar os conhecimentos científicos adquiridos na elaboração de atividades corporais com autonomia e valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas, por meio do planejamento, da sistematização e seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde bem como para compartilhar com a comunidade local.
- Demonstrar autonomia na elaboração de propostas para a comunidade local de atividades relacionadas à cultura corporal com objetivos de lazer, assim como utilizar os conhecimentos adquiridos sobre modificação de regras, adaptação de materiais e espaços como forma de adequar as atividades a diferentes grupos, reconhecendo e valorizando o lazer como um direito do cidadão.
- Identificar os valores e informações divulgados pela mídia com relação à saúde, beleza e qualidade de vida, utilizando-se de bases científicas para adotar uma postura crítica e autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde, comprometendo-se em divulgá-los na comunidade a qual pertence.
- Aprofundar e difundir o conhecimento sobre as várias manifestações da cultura corporal, valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão, e compreendendo o papel dessa cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo.
- Aprofundar o conhecimento para realizar práticas corporais com mais consciência, projetando a continuidade com autonomia, valorizando a participação da comunidade.

Referências Curriculares para o 1º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Identificar experiências pessoais anteriores, relacionadas às práticas da cultura corporal, que precisem ser ressignificadas para favorecer o desenvolvimento individual e coletivo, reconhecendo, no diálogo sobre a experiência vivida e na promoção de novas vivências, oportunidades de construir uma autoimagem positiva quanto a sentimentos de competência, pertencimento e realização</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação de diferentes práticas da cultura corporal relacionadas ao insucesso e a sentimentos de incompetência e inadequação. ◦ Disponibilidade para debater e refletir sobre as condições de prática, as oportunidades de aprendizagem e ajustes para superar as dificuldades encontradas durante essas práticas. ◦ Participação no processo de eleição de práticas a serem realizadas, considerando as dificuldades mais representativas do grupo. ◦ Participação ativa em atividades em grandes e pequenos grupos, considerando as diferenças individuais, colaborando para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs. ◦ Conceito de esporte educacional. ◦ Disponibilidade para analisar, refletir e dialogar sobre as dificuldades e as possibilidades de superação. ◦ Elaboração de um cronograma de atividades e sua realização, a partir das propostas do grupo para avançar na ressignificação dos sentimentos de competência e pertinência ao grupo durante as práticas da cultura corporal. ◦ Disponibilidade para transformar e adaptar a vivência dessas práticas a fim de oportunizar a aprendizagem e o desenvolvimento de todos. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalho em grupo de levantamento de práticas da cultura corporal relacionadas a sentimentos de competência/incompetência, adequação/inadequação, buscando identificar situações geradoras desses sentimentos. ◦ Debate sobre as questões levantadas, levantando hipóteses para superação desses sentimentos. ◦ Construção coletiva de painel com atividades, situações geradoras e sugestões de situações para superação desses sentimentos e ressignificação dessas práticas. ◦ Planejamento de um cronograma de atividades com as sugestões levantadas e metas a serem atingidas, identificando o papel de todos no processo. ◦ Situações para a criação de ajustes a essas práticas, considerando diferentes dificuldades presentes no grupo e ampliando as possibilidades de sucesso (situações de desafios gerais para todo o grupo, situações de desafios mais específicos por agrupamentos menores etc.). ◦ Situações para criação de jogos incluindo os conceitos do esporte educacional, em pequenos grupos, para aprendizagem do esporte. <p><u>Observação:</u></p> <p>Site para consulta: www.esporteeducacao.org.br - disponibiliza vídeos para reflexão dos professores sobre o esporte educacional que poderá ser utilizado também com os alunos, para que os princípios do esporte educacional orientem a criação dos jogos.</p>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação, registro e análise: - da participação do aluno no trabalho em grupo: <ul style="list-style-type: none"> ▪ grau de compreensão da atividade; ▪ envolvimento com o processo de identificação e levantamento de hipóteses; ▪ contribuição, nos momentos das práticas, com propostas de adaptação de regras, espaços e materiais que viabilizem a participação de todos; ▪ satisfação e realização que demonstra ao participar. - de como o aluno participa das atividades respeitando a diversidade de opiniões; - de como o aluno argumenta pela defesa de suas propostas com base em sua pesquisa (qualidade da argumentação com relação aos conhecimentos obtidos, clareza na exposição de idéias etc); - da evolução do sentimento de pertinência ao grupo, de competência e de adequação na relação com as práticas da cultura corporal (número de práticas ressignificadas que tornaram possível a participação

		<p>Livros para pesquisa: 'Jogos Educativos - estrutura e organização da prática' e 'Práticas pedagógicas reflexivas em esporte educacional', ambos constam na bibliografia dessas Orientações Curriculares.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Rodas de conversa sobre as descobertas despertadas pelas novas práticas com ênfase nas possibilidades de novos planejamentos com novas variações, sem perder a referência da prática original. 	<p>e a reversão de sentimentos de incompetência e inadequação).</p>
<p>Identificar e relacionar o conhecimento sobre os limites e possibilidades do próprio corpo com conhecimentos científicos da fisiologia do exercício e biomecânica, de forma a poder controlar algumas de suas posturas e atividades corporais, bem como selecionar atividades e procedimentos com autonomia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação em modalidades individuais e coletivas, adotando uma atitude de pesquisa pessoal a respeito dos limites e possibilidades do próprio corpo. ◦ Ampliação do conhecimento sobre testes de avaliação de capacidades físicas com a inclusão de avaliação postural, de mobilidade articular e alongamento muscular. ◦ Ampliação do conhecimento dos princípios da fisiologia do exercício e das funções orgânicas relacionadas à atividade motora: conceitos de duração, intensidade e frequência, tensão e relaxamento, frequência cardíaca, ritmo respiratório e captação de oxigênio. ◦ Compreensão e utilização das relações entre diferentes variáveis (por exemplo, frequência cardíaca e respiratória) como indicadores da relação entre intensidade e esforço. ◦ Disponibilidade para controlar as atividades corporais com autonomia. ◦ Valorização do conhecimento científico adquirido para a melhoria e manutenção de suas aptidões físicas, a partir de sua aplicação nas atividades e exercícios desenvolvidos. ◦ Disponibilidade para identificar e persistir em seus objetivos e metas, analisando as práticas realizadas para tal fim. ◦ Relação entre os princípios da fisiologia do exercício e das funções orgânicas 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações onde os alunos possam avaliar seus limites e possibilidades entendendo essa avaliação como um diagnóstico inicial. Exemplo: avaliação em um teste de resistência, força etc. ◦ Situações onde os alunos possam avaliar a ergonomia do mobiliário escolar e residencial e relacionar com atitudes posturais adotadas por eles. ◦ Pesquisa em livros, revistas e internet, sobre testes de avaliação física, testes de avaliação postural, de mobilidade articular e flexibilidade. <p><u>Observação:</u></p> <p>O professor pode contribuir pesquisando e indicando boas referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial dos alunos. O www.google.com.br é um veículo importante para pesquisa inicial dos alunos e para busca qualificada mais específica do professor. Algumas sugestões de site para pesquisa:</p> <p>http://www.eutonia.org.br/textos/oquee.htm</p> <p>www.portalfisioterapia.com.br</p> <p>http://www.fm.usp.br/fofito/fisio/pessoal/isabel/biomecanicaonline/complexos/pdf/Postura.pdf. (Avaliação Postural. Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Profa. Dra. Sílvia Maria Amado João. 1. Desenvolvimento Postural ...)</p> <p>http://www.podcorrer.com/2009/06/25/teste-de-</p>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da pesquisa sobre o tema proposto; - do estabelecimento de relações entre a avaliação inicial (testes como meio de diagnóstico) e as atividades para o desenvolvimento dos parâmetros que podem ser melhorados; - do trabalho com as fichas de acompanhamento do processo, verificando a organização, a frequência e a continuidade através dos registros; - de como o aluno participa e se envolve nas atividades em direção aos seus objetivos, com maior e menor autonomia; - da autonomia do aluno na elaboração e execução dos programas pessoais; - das relações estabelecidas entre o programa pessoal e as capacidades físicas a serem desenvolvidas.

	<p>relacionadas à atividade motora com o estabelecimento de pequenas rotinas de exercício.</p>	<p><u>cooper/</u> <u>http://www.cdof.com.br/testes12.htm</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Confeção de uma ficha de acompanhamento da evolução das capacidades que serão trabalhadas, a partir de avaliação inicial, contendo indicadores como: frequência cardíaca inicial e final, volume e carga, regularidade de prática etc. ◦ Prática de atividades relacionadas às capacidades físicas que serão trabalhadas, relacionando-as com os conceitos de duração, intensidade e frequência como indicadores de evolução. ◦ Rodas de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos propostos. ◦ Escolha de jogos e esportes que se relacionem com o desenvolvimento das capacidades, com mediação do professor, para atingir determinados objetivos e metas no semestre. ◦ Situações para refletir sobre a prática realizada, envolvendo as capacidades físicas em relação aos objetivos e metas pessoais, considerando a regularidade/frequência e a intensidade da prática. ◦ Elaboração, por parte do aluno, de pequenas rotinas de exercício, considerando as capacidades físicas e os objetivos pessoais estabelecidos. 	
<p>Demonstrar autonomia na elaboração de atividades relacionadas à cultura corporal com finalidade de lazer, assim como capacidade para discutir e modificar regras, adaptar materiais e espaços, reconhecendo e valorizando o lazer como um direito do cidadão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação de práticas da cultura corporal que signifiquem lazer para o grupo. ◦ Participação em atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e adaptações necessárias para que o grupo possa atingir os objetivos de recreação e lazer. ◦ Análise, reflexão e diálogo sobre as necessidades e possibilidades de adaptação de espaço e de materiais para a realização das práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalho de pesquisa e discussão em grupo de atividades relacionadas ao lazer, a partir das vivências do grupo. ◦ Situações para apresentação das propostas de atividades relacionadas ao lazer com argumentações sobre a adequação ao grupo (exercício de convencimento e adesão do grupo). ◦ Eleição das atividades a serem desenvolvidas no semestre, mediante argumentação e justificativa das razões para escolha. 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do envolvimento no trabalho de resgate e ou pesquisa de atividades relacionadas ao lazer; - da evolução na participação e na apresentação das atividades, argumentação e votação; - de como o aluno participa e contribui para o sucesso da atividade;

	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Elaboração de um cronograma de atividades a partir das propostas do grupo. 	<p><u>Observação:</u></p> <p>O professor, além de contribuir com a realização das práticas mais votadas, deverá considerar e explicitar para o grupo a necessidade de contemplar também a prática das atividades menos votadas. Nesta situação, para valorizar os diferentes interesses, poderá trabalhar, em algumas aulas, com várias práticas distribuídas no espaço acontecendo simultaneamente.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações de observação da ação do professor organizando as práticas que serão desenvolvidas (modelos), com registro de aspectos que os alunos considerem importantes para que assumam esse papel, com mediação do professor quando necessário. ◦ Situação de organização da prática pelos alunos em contextos que permitam grupos simultâneos trabalhando com diferentes práticas (um grupo organizando para o outro, por exemplo). 	<ul style="list-style-type: none"> - da evolução na qualidade da participação do aluno na organização e adaptação das atividades quanto a espaço, regras e materiais.
<p>Identificar os valores e informações divulgados pela mídia com relação à saúde, beleza e qualidade de vida, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura crítica e autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação dos valores e informações divulgados pela mídia relacionados à beleza e a saúde que se tornaram consenso entre o grupo. ◦ Disponibilidade para: <ul style="list-style-type: none"> - diferenciar, refletir e debater o conhecimento divulgado nos veículos de comunicação; - refletir, a partir da leitura da mídia, sobre os padrões de estética difundidos; - reconhecer e interpretar informações e dados científicos. ◦ Valorização da identificação e da capacidade de análise da fonte de informação. ◦ Análise de modelos de treinamento de práticas da cultura corporal relacionadas à melhoria das capacidades físicas voltadas à qualidade de vida. ◦ Participação no processo de eleição de práticas a serem realizadas na escola para 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalhos individuais ou em grupo com o objetivo de abordar temas relacionados à saúde, beleza, estética, dietas e orientações alimentares difundidos nas propagandas, anúncios, revistas, internet etc. (na mídia de um modo geral). ◦ Debate sobre as questões levantadas. ◦ Construção coletiva de painel classificando as informações entre científicas e não científicas (empírica ou de senso comum). ◦ Pesquisa para aprofundar o conhecimento sobre os temas levantados na mídia, com o objetivo de interpretar melhor a informação e analisar o recorte muitas vezes dado pela matéria que conduz a conclusões equivocadas ou de pouca validade científica. ◦ Debate em grupo sobre os conhecimentos levantados acerca de cada tema, favorecendo a troca e a valorização do conhecimento pesquisado. ◦ Visita a diferentes academias com o objetivo de 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da participação do aluno no trabalho individual e em grupo: <ul style="list-style-type: none"> ▪ grau de compreensão da atividade; ▪ envolvimento no o processo de reflexão coletiva sobre as informações veiculadas pela mídia; ▪ contribuição, nos momentos das práticas, com propostas de adaptação de regras, espaços e materiais que viabilizem a participação de todos; ▪ satisfação e realização que demonstra ao participar; - da evolução da capacidade de identificar as informações e sua a qualidade em bases

	<p>aprofundamento do conhecimento.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação em atividades em grandes e pequenos grupos, considerando e respeitando as diferenças individuais. ◦ Elaboração de objetivos e metas pessoais. ◦ Disponibilidade para analisar, refletir e dialogar sobre as dificuldades encontradas durante as práticas e as possibilidades de superação. 	<p>pesquisar e entrevistar praticantes e professores sobre os objetivos das diferentes atividades (objetivos da prática na ótica do professor e objetivos da prática na expectativa dos praticantes).</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Levantamento de objetivos relacionados ao desenvolvimento e manutenção de capacidades físicas (força, resistência, velocidade, flexibilidade) com trabalho em grupos de interesse. ◦ Debate sobre as motivações para a escolha do programa (relacionados à estética, à saúde, ambos etc.). ◦ Planejamento de programas a serem praticado pelos diferentes grupos. ◦ Situações de prática das atividades com participação dos alunos na organização dos grupos no espaço, no tempo de aula, na criação/adaptação de materiais etc. ◦ Rodas de conversa sobre as descobertas despertadas pelas novas práticas, levantamento da possibilidade de novos planejamentos com novas variações, tendo como referência a prática original. 	<p>científicas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - do envolvimento do aluno na busca pelo conhecimento (número de pesquisas, entrevistas, acesso a artigos, filmes, documentários); - da evolução da argumentação sobre os conhecimentos pesquisados e da qualidade das fontes de informação utilizadas; - da relação entre os programas elaborados e os objetivos definidos; - do desenvolvimento das atividades com participação na organização dos grupos no espaço, no tempo de aula, na criação/adaptação de materiais.
<p>Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo as diferenças de desempenho, linguagem e expressão, ampliando os conhecimentos para continuar aprendendo e usufruindo dessa cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação em modalidades individuais e coletivas adotando uma atitude de pesquisa pessoal a respeito dos limites e possibilidades do próprio corpo. ◦ Ampliação do conhecimento sobre outras práticas de universos culturais distintos. ◦ Disponibilidade para arriscar, tentar o novo no que diz respeito a movimentos corporais. ◦ Ampliação dos conhecimentos interdisciplinares complementares à construção do conhecimento sobre a cultura corporal de outras culturas. ◦ Ampliação do conhecimento sobre o processo de aprendizagem de cada prática, favorecendo a autonomia no desenvolvimento pessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações em que possam pesquisar, identificar e apreciar diferentes manifestações da cultura corporal relacionadas a outras culturas (pesquisa na internet, apreciação de filmes e documentários, entrevistas com praticantes da sua localidade etc.). ◦ Situações em que os alunos possam apresentar e debater sobre o que descobriram com relação às práticas pesquisadas, o contexto em que foram criadas e os valores a elas associados, as diferentes formas de praticar, os materiais e espaços necessários para prática. ◦ Roda de conversa para levantamento de algumas questões surgidas no grupo e que possam ser ampliadas e elucidadas com o conhecimento dos elementos históricos, culturais e sociais relacionados à história, 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da pesquisa sobre o tema proposto; - da compreensão e estabelecimento de relações entre as práticas e o contexto em que foram criadas, os conhecimentos e valores a elas associados etc.; - do trabalho de adaptação das práticas escolhidas para vivência no ambiente escolar: as diferentes formas de praticar, a adaptação dos materiais e espaços, aproximando a prática

	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Disponibilidade para identificar e persistir em seus objetivos e metas, analisando as práticas realizadas para tal fim. 	<p>geografia, sociologia, antropologia, música, anatomia, fisiologia, física (cinesiologia), química etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações de prática de algumas das atividades pesquisadas eleitas pelo grupo, favorecendo o desenvolvimento da autonomia a partir da organização de grupos de trabalho envolvidos em adaptar materiais e espaço para as vivências. ◦ Rodas de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos propostos. ◦ Rodas de conversa relacionando as práticas pesquisadas e vivenciadas com questões e ou valores de ordem social, econômica e política ◦ Elaboração, por parte do aluno, de momentos de vivência das atividades pesquisadas e adaptadas (quando necessário), oportunizando a ampliação da vivência de todos, dos diferentes interesses surgidos no grupo. 	<p>na escola do contexto de criação e realização fora dela;</p> <ul style="list-style-type: none"> - de como o aluno participa e se envolve nas atividades; <ul style="list-style-type: none"> ▪ grau de compreensão da atividade; ▪ envolvimento com o processo de identificação e levantamento de hipóteses; ▪ satisfação e realização que demonstra ao participar; - da autonomia do aluno na elaboração e execução das atividades superando dificuldades pessoais.
<p>Utilizar conhecimento para realizar práticas corporais com maior grau de consciência, fazer a gestão sobre suas atividades de modo mais autônomo e se responsabilizar pelo próprio desenvolvimento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação de práticas da cultura corporal para aprofundamento pessoal. ◦ Identificação das características dessas práticas e dos conhecimentos específicos necessários ao seu desenvolvimento e aprofundamento. ◦ Disponibilidade para pesquisar sobre os conhecimentos específicos relacionados às práticas eleitas para aprofundamento. ◦ Disponibilidade para se autoavaliar frente a suas escolhas e estabelecer metas de desenvolvimento. ◦ Disponibilidade para socializar no grupo as práticas escolhidas e suas metas pessoais bem como escutar a dos outros. ◦ Disponibilidade para agrupar-se em torno das mesmas práticas e debater sobre planos e metas. ◦ Elaboração de um plano de trabalho pessoal para atingir os objetivos e metas 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações para dialogar (Roda de conversa) sobre as identificações individuais com algumas práticas da cultura corporal em que obtiveram sucesso e através das quais construíram uma auto imagem de competência até essa fase da escolaridade. ◦ Situações para partilhar metas pessoais relacionadas às práticas da cultura corporal que se identificam e que pretendam aprofundar o conhecimento. ◦ Levantamento do conhecimento prévio sobre as características e os conhecimentos específicos necessários para desenvolver e aprofundar as práticas mencionadas. ◦ Trabalho de pesquisa sobre esses conhecimentos (Exemplo: precisão do arremesso no basquete, movimentação da defesa no handebol, aperfeiçoamento dos movimentos na ginástica, coreografia das danças, etc). ◦ Elaboração de ficha com objetivos e programa 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da pesquisa sobre o tema proposto- (quantidade e qualidade); - do desenvolvimento de autonomia na gestão de suas atividades; - do trabalho de elaboração das fichas de objetivos e sua utilização no cotidiano; - de como o aluno participa e se envolve nas atividades em direção aos seus objetivos, com maior menor autonomia; - da autonomia do aluno na elaboração e execução dos programas pessoais; - das relações estabelecidas entre o programa pessoal e os

	<p>estabelecidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Elaboração de um plano de trabalho coletivo para atingir os objetivos e metas debatidos e acordados coletivamente. 	<p>definindo número de aulas, método escolhido (jogos, jogos de exercício, exercício) e avaliação dos resultados obtidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Organização de grupos de interesse para socialização de planos e metas através das pesquisas e fichas, com elaboração de um programa comum a ser desenvolvido pelo grupo (definição do tempo que será comum para todos durante as aulas e o tempo por grupos menores, de interesse comum). ◦ Elaboração de programas individuais possíveis de serem realizados fora do tempo escolar que contribuam para atingir os objetivos previstos. ◦ Situação para apresentação das propostas de atividades relacionadas aos objetivos estabelecidos, bem como para avaliações dos resultados previstos. ◦ Situações de organização da prática pelo professor (modelos). ◦ Situação de organização da prática pelos alunos: trabalho em grupo com diferentes atividades simultâneas, trabalhando com diferentes práticas. 	<p>resultados obtidos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - do desempenho nas situações de organização da prática, individual e coletivo.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referências Curriculares para o 2º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Ampliar e aprofundar os conhecimentos adquiridos, favorecendo a consciência das possibilidades motoras e a construção de autoimagem positiva em relação às práticas da cultura corporal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Pesquisa de diferentes práticas da cultura corporal levando em consideração as diferentes características das pessoas que compõem o grupo. ◦ Participação de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs. ◦ Análise, reflexão e diálogo sobre diferentes pontos de vista postos em debate, adotando uma postura democrática que favoreça do desenvolvimento coletivo. ◦ Sugestão de um cronograma de atividades a partir das propostas do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalho de pesquisa em grupo de atividades diferenciadas pertencentes à cultura corporal (yoga, relaxamento, alongamento, musculação, lutas, massagem etc.) que não frequentes ou comumente encontradas no currículo de educação física escolar. ◦ Eleição das atividades a serem desenvolvidas no semestre. ◦ Prática das atividades com possibilidade de transmissão de conhecimentos que os próprios alunos trazem de outros contextos ou de profissionais convidados. ◦ Rodas de conversa sobre as descobertas despertadas pelas novas práticas. 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do trabalho de pesquisa, levando em conta a escolha das fontes e a adequação ao tema; - de como o aluno participa das atividades respeitando a diversidade de opiniões; - de como o aluno argumenta pela defesa de suas propostas com base em sua pesquisa. - do número de novas práticas conhecidas e vivenciadas pelos alunos.
<p>Utilizar os conhecimentos científicos adquiridos para a elaboração de atividades corporais com autonomia, por meio do planejamento, da sistematização e seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação em modalidades individuais e coletivas, adotando uma atitude de pesquisa pessoal a respeito dos limites e possibilidades do próprio corpo. ◦ Ampliação do conhecimento sobre testes de avaliação de capacidades físicas com a inclusão de avaliação postural, de mobilidade articular e alongamento muscular. ◦ Pesquisa e ampliação do conhecimento dos princípios da fisiologia do exercício e da aprendizagem motora relacionadas às suas características e escolhas pessoais. ◦ Disponibilidade para planejar, organizar e controlar as suas próprias atividades corporais com autonomia. ◦ Valorização do conhecimento científico adquirido para a melhoria e manutenção de suas aptidões físicas, bem como manutenção 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações em que os alunos possam utilizar os conhecimentos adquiridos para planejar sua prática, de forma que extrapole o ambiente escolar e as aulas de educação física. ◦ Registro do acompanhamento das atividades realizadas fora da sala de aula. ◦ Situações onde o professor avalia e acompanha o desenvolvimento das atividades do aluno quanto aos princípios de fisiologia do exercício, em especial frequência, duração e intensidade. ◦ Rodas de conversa para troca de experiência entre os alunos sobre o sucesso/insucesso da prática autônoma (se conseguem manter a programação estabelecida fora da escola e durante as aulas, relação entre elas etc.). ◦ Situações em que os alunos possam avaliar a ergonomia do mobiliário escolar e residencial, o modo como transportam mochilas e bolsas e 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da pesquisa sobre o tema proposto; - da compreensão e relação entre a avaliação das capacidades físicas e as atividades para o desenvolvimento; - da evolução na utilização das fichas de acompanhamento do processo, verificando a organização e a continuidade; - de como o aluno participa e se envolve nas atividades em direção aos seus objetivos, com maior e menor autonomia; - da autonomia do aluno na

	<p>e aquisição da saúde.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Disponibilidade para identificar e persistir em seus objetivos e metas analisando as práticas realizadas para tal fim. ◦ Relação entre os princípios da fisiologia do exercício e da aprendizagem motora com o estabelecimento de pequenas rotinas de exercício. 	<p>relacionar com atitudes posturais adotadas por eles</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Pesquisa em livros, revistas e internet (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial) sobre testes de avaliação física, testes de avaliação postural, de mobilidade articular e flexibilidade. ◦ Avaliação postural e análise sobre desvios posturais já identificáveis como escoliose, lordose e cifose. ◦ Trabalho com alguns programas pré-definidos como modelo de referência para a construção de programas pessoais. ◦ Análise biomecânica e adaptação de equipamentos de ginástica a partir de materiais mais simples e acessíveis (material elástico para trabalho de força [borracha de farmácia, câmara de pneu], construção de alteres com latas de cimento, utilização de cabos de vassoura como bastões para exercícios de ginástica etc). ◦ Ampliação do trabalho com fichas de avaliação e acompanhamento da evolução através da implementação de um maior número de capacidades avaliadas. ◦ Confecção de uma ficha de acompanhamento da evolução das capacidades que serão trabalhadas: frequência cardíaca inicial e final, volume e carga, regularidade de prática, comparando com os dados obtidos nos anos anteriores. ◦ Rodas de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos propostos. ◦ Escolha de atividades que se relacionem com o desenvolvimento das capacidades, com mediação do professor, para atingir determinados objetivos e metas no semestre. ◦ Situações para refletir sobre a prática envolvendo as capacidades físicas em relação 	<p>elaboração e execução dos programas pessoais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - das relações estabelecidas entre equipamentos de ginástica pesquisados e a adaptação com materiais mais acessíveis a partir de bases biomecânicas; - sobre as fichas, verificando a evolução da aprendizagem e o estabelecimento de novas metas.
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>aos objetivos e metas pessoais, considerando o envolvimento e a persistência.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Elaboração por parte do aluno, mediada pelo professor, de pequenas rotinas de exercício considerando as capacidades físicas e o desenvolvimento motor. 	
<p>Demonstrar autonomia na elaboração de atividades relacionadas à cultura corporal com finalidade de lazer, e capacidade para discutir, modificar regras, adaptar materiais e espaços visando adequar as atividades a diferentes grupos, reconhecendo e valorizando o lazer como um direito do cidadão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação de práticas da cultura corporal que signifiquem lazer para a comunidade escolar, alunos, professores e funcionários. ◦ Análise, reflexão e diálogo sobre as necessidades e possibilidades de adaptação de espaço e de materiais para a realização das práticas na escola por toda a comunidade. ◦ Organização de atividades de lazer, com mediação do professor, envolvendo toda a comunidade escolar, compreendendo a importância dessa prática para integração do grupo. ◦ Realização de atividades em grandes e pequenos grupos, conscientizando o grupo sobre as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos de recreação e lazer. ◦ Elaboração de um cronograma de atividades a partir das propostas do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalho de pesquisa em grupo, entrevista com alunos, professores e funcionários sobre atividades relacionadas ao lazer. ◦ Situação para apresentação das propostas de atividades relacionadas ao lazer com argumentações sobre a adequação ao grupo à direção da escola (exercício de convencimento e adesão de pessoas com poder de decisão). ◦ Organização do resultado das entrevistas em relatórios, painéis e tabelas, identificando as diferentes atividades de lazer, suas características e grupos ou pessoas que as mencionaram. ◦ Eleição e organização de um cronograma de atividades para o grupo de alunos, considerando que a vivência é importante para o crescimento do grupo e base para a organização de atividades para outros. ◦ Eleição das atividades a serem desenvolvidas com a comunidade. <p><u>Observação:</u> O professor, além de contribuir com a realização das práticas mais votadas, deverá considerar e explicitar para o grupo a necessidade de contemplar também a prática das atividades menos votadas. Nesta situação, para valorizar os diferentes interesses, poderá trabalhar, em algumas aulas, com várias práticas distribuídas no espaço acontecendo simultaneamente.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações de observação da ação do professor organizando as práticas que serão desenvolvidas com os funcionários, professores e outras pessoas da comunidade (modelos), com registro 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do envolvimento na pesquisa junto à comunidade escolar de atividades relacionadas ao lazer (qualidade dos questionários elaborados para a pesquisa e das respostas obtidas, número de pessoas entrevistadas e a relação com a amostragem significativa e representativa, etc); - da evolução da participação na apresentação das atividades, reflexão, argumentação e votação; - de como o aluno participa e contribui para o sucesso da atividade: <ul style="list-style-type: none"> ▪ assumindo a responsabilidade pelo planejamento e execução do que foi definido pelo grupo; ▪ do apoio e incentivo aos colegas durante as práticas; - da evolução na qualidade da participação do aluno na organização e adaptação das atividades quanto ao público, espaço, regras e materiais.

		<p>de aspectos que os alunos considerem importantes para que assumam esse papel, com a mediação e ou colaboração do professor quando necessário.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Situação de organização da prática pelos alunos em contextos que permitam grupos simultâneos trabalharem com diferentes práticas (pequenos grupos de alunos organizando diferentes atividades envolvendo a comunidade, por exemplo). 	
<p>Identificar valores e informações divulgados pela mídia com relação à saúde, beleza e qualidade de vida, para poder adotar uma postura crítica e autônoma na escolha de atividades e procedimentos para melhorar a própria qualidade de vida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação dos valores e informações divulgados pela mídia sobre beleza e saúde, relacionados ao consumo e a valores sociais hegemônicos, próprios dos grupos dominantes. ◦ Disponibilidade para: <ul style="list-style-type: none"> - diferenciar, refletir e debater o conhecimento a partir de uma análise da cultura que o produz; - refletir, a partir da leitura da mídia, sobre os padrões de estética difundidos relacionando com valores de grupos dominantes; - reconhecer e interpretar informações e dados científicos; - aprofundar o conhecimento científico e confrontar com as ideias e valores divulgados pela mídia. ◦ Valorização da identificação e da capacidade de análise da fonte de informação. ◦ Aprofundamento dos conceitos de saúde, beleza e qualidade de vida. ◦ Análise e aprofundamento dos modelos de treinamento de práticas da cultura corporal relacionadas à melhoria das capacidades físicas voltadas à qualidade de vida. ◦ Participação no processo de eleição de práticas a serem realizadas na escola para aprofundamento do conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalhos individuais ou em grupo com o objetivo de abordar temas relacionados à saúde, beleza, estética, dietas e orientações alimentares, difundidos nas propagandas, anúncios, revistas, internet etc. (na mídia de um modo geral). ◦ Debate sobre as questões levantadas com aprofundamento e divulgação do que não é considerado cientificamente confiável e ou remete ao consumo de produtos. ◦ Pesquisa por grupos de interesse sobre os assuntos relacionados à saúde e à beleza, com o objetivo de aprofundar o conhecimento e divulgar informações confiáveis, estabelecendo relações entre padrões de beleza hegemônicos, consumo e mídia. ◦ Debate em grupo sobre os conhecimentos levantados acerca de cada tema favorecendo a troca e a valorização do conhecimento pesquisado. ◦ Visita a diferentes academias com o objetivo de pesquisar e entrevistar praticantes, procurando identificar o que os motiva às práticas que escolheram. ◦ Visita a academias, parques, locais de treinamento com o objetivo de entrevistar professores sobre os métodos atuais de treinamento visando à melhoria das capacidades física e da qualidade de vida. ◦ Levantamento de objetivos relacionados ao desenvolvimento e manutenção de capacidades 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da participação do aluno no trabalho individual e em grupo; <ul style="list-style-type: none"> ▪ grau de compreensão da atividade; ▪ envolvimento com o processo de identificação e levantamento de hipóteses; ▪ satisfação e realização que demonstra ao participar. - da evolução da capacidade de identificar as informações e sua qualidade em bases científicas; - da evolução da capacidade de identificar a influência da mídia na divulgação de valores referentes ao consumo. - do envolvimento do aluno na busca pelo conhecimento (pesquisas, entrevistas, acesso a artigos, filmes, documentários); - da evolução da argumentação sobre os conhecimentos pesquisados, da qualidade das fontes de informação utilizadas e da capacidade de relacioná-las com o contexto cultural em que

	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação em atividades em pequenos grupos, considerando objetivos semelhantes. ◦ Elaboração de objetivos e metas pessoais. ◦ Disponibilidade para analisar, refletir e dialogar sobre as dificuldades encontradas durante as práticas e para aprofundar o conhecimento das possibilidades de superação. 	<p>físicas (força, resistência, velocidade, flexibilidade) com trabalho em grupos de interesse.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações de discussão e pesquisa para aprofundamento dos conhecimentos que levam à escolha de programas de treinamento relacionados à estética e à saúde ◦ Situações de discussão sobre o que foi pesquisado, estabelecendo relações entre consumo de produtos e as reais necessidades, para as práticas e programas de treinamento referentes à estética e à saúde. ◦ Planejamento de programas a serem praticados pelos diferentes grupos. ◦ Planejamento de programas pessoais a serem realizados fora do ambiente escolar, enfatizando a redução do consumo de produtos supérfluos vinculados pela mídia a “indústria do bem estar, da beleza e saúde”. ◦ Situações de prática das atividades com participação dos alunos na organização dos grupos no espaço, no tempo de aula, na criação/adaptação de materiais. ◦ Rodas de conversa sobre os programas realizados na escola em grupo e os programas pessoais, refletindo sobre a motivação, continuidade e avaliação de resultados. 	<p>foram produzidas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - da relação entre os programas elaborados e os objetivos definidos; - do desenvolvimento das atividades com participação na organização dos grupos no espaço, no tempo de aula, na criação/adaptação de materiais.
<p>Aprofundar o conhecimento sobre as diferentes manifestações da cultura corporal, identificando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão, com maior autonomia para continuar aprendendo e usufruindo dessa cultura no desenvolvimento pessoal e coletivo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação em modalidades individuais e coletivas adotando uma atitude de pesquisa pessoal. ◦ Ampliação do conhecimento sobre outras práticas de universos culturais distintos. ◦ Definição das estratégias mais adequadas para ampliar os limites e possibilidades do próprio corpo. ◦ Disponibilidade para utilizar novos conhecimentos para o desenvolvimento pessoal. ◦ Aprofundamento nos conhecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações em que os alunos possam pesquisar e aprofundar o conhecimento das diferentes manifestações da cultura corporal relacionadas a outras culturas (pesquisa na internet, apreciação de filmes e documentários, entrevistas com praticantes da sua localidade etc.). ◦ Situações em que os alunos se agrupam em grupos de interesse em torno das práticas pesquisadas, discutindo e aprofundando-se no conhecimento sobre o contexto em que foram criadas e os valores a elas associados, as diferentes formas de praticar, os materiais e espaços necessários para prática. 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da pesquisa sobre o tema ou prática definida; - da compreensão e estabelecimento de relação entre as práticas e o contexto em que foram criadas, os conhecimentos e valores a elas associados; - do trabalho de adaptação das práticas escolhidas para vivência

	<p>interdisciplinares complementares à construção do conhecimento sobre a cultura corporal relacionado a outras culturas.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Aprofundamento nos conhecimentos sobre o processo de aprendizagem de cada prática, favorecendo a autonomia no desenvolvimento pessoal. ◦ Disponibilidade para identificar e persistir em seus objetivos e metas analisando as práticas realizadas para tal fim. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Projetos voltados ao aprofundamento das questões surgidas nos grupos de interesse favorecendo a interdisciplinaridade (história, geografia, sociologia, antropologia, música, anatomia, fisiologia, física, química etc.). ◦ Situações de prática organizadas por grupos de interesse, favorecendo o desenvolvimento da autonomia a partir da organização do espaço e da adaptação de materiais para as vivências. ◦ Rodas de conversa avaliando a adaptação das atividades ao espaço escolar com relação ao que caracteriza cada atividade. ◦ Elaboração, por parte do aluno, de momentos de vivência das atividades pesquisadas, oportunizando a ampliação da experiência de todos sobre os diferentes interesses surgidos no grupo. 	<p>no ambiente escolar: as diferentes formas de praticar, a adaptação dos materiais e espaços, aproximando a prática na escola do contexto de criação e realização fora da escola;</p> <ul style="list-style-type: none"> - da autonomia do aluno na elaboração e execução das atividades superando dificuldades pessoais; - do compromisso com o aprofundamento do que sabe para desenvolver a atividade dentro do grupo de interesse, bem como para comunicar e organizar a prática para os outros alunos.
<p>Aprofundar o conhecimento para realizar práticas corporais com maior grau de consciência, fazer a gestão das atividades de modo mais autônomo, responsabilizando-se pelo próprio desenvolvimento e do grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação de práticas da cultura corporal para aprofundamento individual. ◦ Identificação dos interesses e necessidades do grupo para aprofundamento coletivo. ◦ Identificação das características dessas práticas e dos conhecimentos específicos necessários ao seu desenvolvimento e aprofundamento. ◦ Disponibilidade para pesquisar sobre os conhecimentos específicos relacionados às práticas eleitas para aprofundamento. ◦ Disponibilidade para se autoavaliar frente a suas escolhas e estabelecer metas de desenvolvimento. ◦ Disponibilidade para estimular a socialização no grupo das práticas escolhidas e das metas a serem atingidas. ◦ Disponibilidade para agrupar-se em torno das mesmas práticas e debater sobre planos e metas. ◦ Elaboração de um plano de trabalho pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Roda de conversa para avaliar as conquistas individuais obtidas no ano anterior e para partilhar novas metas relacionadas às práticas da cultura corporal. ◦ Levantamento do conhecimento prévio e discussão sobre os conhecimentos específicos necessários para desenvolver e aprofundar as práticas escolhidas. ◦ Trabalho de pesquisa sobre esses conhecimentos (Exemplo: precisão do arremesso no basquete, movimentação da defesa no handebol, aperfeiçoamento dos movimentos na ginástica). ◦ Elaboração de ficha com objetivos e de um programa definindo número de aulas, método escolhido (jogos, jogos de exercício, exercício) e avaliação dos resultados obtidos. ◦ Organização de grupos de interesse para aprofundamento de planos e metas conjuntamente. ◦ Pesquisas para a elaboração de um programa comum a ser desenvolvido pelo grupo durante 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do envolvimento no trabalho de identificação das práticas da cultura corporal e das possibilidades de desenvolvimento pessoal; - da evolução do conhecimento necessário para o desenvolvimento e aprendizagem; - de como o aluno participa do processo de pesquisa e contribui para o sucesso da atividade; - da evolução da capacidade do aluno no estabelecimento de metas pessoais; - da evolução na qualidade da organização e adaptação das atividades frente às metas estabelecidas;

	<p>para atingir os objetivos e metas estabelecidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Elaboração de um plano de trabalho coletivo para atingir os objetivos e metas debatidos e acordados coletivamente. 	<p>as aulas.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Aperfeiçoamento de programas individuais possíveis de serem realizados fora do tempo escolar, que contribuam para atingir os objetivos previstos. ◦ Situação para apresentação das propostas de atividades relacionadas aos objetivos estabelecidos, bem como para avaliações dos resultados previstos. ◦ Situações de prática mediadas pelo professor (modelos, situações de contraste de métodos e técnicas etc.). ◦ Situação de organização da prática pelos alunos: trabalho em grupo com diferentes atividades simultâneas. 	<ul style="list-style-type: none"> - da evolução da capacidade do aluno quanto ao comprometimento e a persistência nas atividades planejadas para atingir metas pessoais.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referências Curriculares para o 3º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Aprofundar o conhecimento sobre as práticas da cultura corporal de forma a favorecer a consciência sobre as possibilidades motoras, a percepção e o entendimento que a autoimagem relacionada às práticas da cultura corporal está sempre em construção.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Pesquisa de diferentes práticas da cultura corporal considerando os interesses e as características do grupo. ◦ Participação em atividades em grandes e pequenos grupos, identificando as diferenças individuais para adequar as práticas para o sucesso de todos procurando estimular um estilo de vida ativo e colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs. ◦ Análise, reflexão e diálogo sobre diferentes pontos de vista postos em debate, adotando uma postura democrática levando ao crescimento coletivo. ◦ Elaboração e aplicação de um cronograma de atividades a partir das propostas do grupo, adotando o conceito de trabalho por grupos de interesse. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalho de pesquisa em grupos de interesse para aprofundamento sobre atividades diferenciadas pertencentes à cultura corporal (yoga, relaxamento, alongamento, musculação, lutas, massagem etc.). ◦ Rodas de conversa para definir atividades a partir dos resultados da pesquisa, considerando as possibilidades materiais: equipamentos, espaços, tempos etc. ◦ Roda de conversa para estabelecer responsáveis pelo desenvolvimento das atividades. ◦ Elaboração de programa de atividades com mediação do professor. ◦ Planejamento da continuidade dos momentos de prática fora do ambiente e/ou horário escolar. ◦ Identificação de lugares próprios para a prática no entorno escolar, de suas casas, na comunidade e município (mapeamento de espaços específicos, com construção de listas, mapas etc.). 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do trabalho de pesquisa levando em conta a escolha das fontes e adequação ao tema; - de como o aluno participa das atividades respeitando a diversidade de opiniões; - da valorização e das relações que o aluno estabelece entre as atividades e o ambiente cultural; - de como o aluno amplia suas possibilidades de participação, inserção e valorização deste universo cultural (cultura corporal de movimento).
<p>Utilizar os conhecimentos científicos adquiridos na elaboração de atividades corporais com autonomia e valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas, por meio do planejamento, da sistematização e seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde bem como para</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Conhecimento a respeito das informações que a comunidade do entorno tem com relação à atividade física e saúde. ◦ Aprofundamento do conhecimento adquirido para a melhoria e manutenção de aptidões físicas. ◦ Disponibilidade para compartilhar maneiras de identificar e persistir em seus objetivos e metas, analisando as práticas realizadas para tal fim. ◦ Disponibilidade para estabelecer e ampliar a relação entre os conhecimentos específicos 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Entrevista com a comunidade para levantamento dos conhecimentos a respeito de atividades físicas: avaliação diagnóstica, princípios do treinamento, acompanhamento dos treinos, avaliação de resultados etc., a partir de roteiro elaborado pelos alunos, com mediação do professor. ◦ Identificação de práticas individuais e coletivas de interesse que possam ser divulgadas para a comunidade. ◦ Adaptação de espaços e materiais para a prática de atividades físicas, considerando 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da compreensão e relação entre a avaliação das capacidades físicas e as atividades para o desenvolvimento; - da evolução na utilização das fichas de acompanhamento do processo, verificando a organização e a continuidade; - da capacidade de relacionar

<p>compartilhar com a comunidade local.</p>	<p>das diferentes atividades físicas com outras áreas do conhecimento - história, sociologia, nutrição, políticas públicas etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Ampliação dos conhecimentos e da relação entre os princípios da fisiologia do exercício e das funções orgânicas relacionadas à atividade motora, através do estabelecimento de rotinas de exercício. 	<p>viabilidade, custo, praticidade e simplicidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Organização de uma “feira da atividade física” com apresentações dos alunos, palestras de profissionais e atividades para a comunidade. ◦ Momentos de planejamento de outras estratégias de divulgação do conhecimento para a comunidade (campanhas, seminários etc.). 	<p>atividade física com o ambiente cultural;</p> <ul style="list-style-type: none"> - da capacidade de identificar a relação entre direito de acesso à prática e a disponibilidade (oferta) de espaços públicos; - da autonomia do aluno na elaboração e execução dos programas pessoais; - sobre as fichas, verificando a evolução da aprendizagem e o estabelecimento de novas metas; - da evolução da capacidade e dos meios de divulgar os conhecimentos adquiridos para a comunidade.
<p>Demonstrar autonomia na elaboração de propostas para a comunidade local de atividades relacionadas à cultura corporal com objetivos de lazer, assim como utilizar os conhecimentos adquiridos sobre modificação de regras, adaptação de materiais e espaços como forma de adequar as atividades a diferentes grupos, reconhecendo e valorizando o lazer como um direito do cidadão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação de práticas da cultura corporal que signifiquem lazer para a comunidade local. ◦ Análise, reflexão e diálogo sobre as necessidades e possibilidades de utilização e adaptação de espaços públicos e materiais para a realização das práticas nesses espaços por toda a comunidade. ◦ Levantamento de propostas elaboradas pelo poder público de lazer para a população. ◦ Organização de atividades de lazer, com mediação do professor, envolvendo toda a comunidade, explicitando a importância dessa prática para a comunidade. ◦ Realização de atividades em grandes e pequenos grupos, conscientizando o grupo sobre as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos de recreação e lazer. ◦ Elaboração de um cronograma de atividades a partir das propostas do grupo. ◦ Elaboração de reivindicações (documentadas 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalho de pesquisa em grupo, entrevista com familiares e outros membros da comunidade sobre atividades relacionadas ao lazer. ◦ Organização dos resultados das entrevistas em relatórios, painéis, tabelas e outros materiais de divulgação que possam ser compartilhados com a comunidade local. ◦ Situações para apresentação das propostas de atividades relacionadas ao lazer com argumentações sobre a adequação ao grupo à direção da escola, bem como outras instâncias que tratem especificamente do lazer e da atividade física para a população (exercício de convencimento à adesão de pessoas com poder de decisão). ◦ Eleição das atividades a serem desenvolvidas com a comunidade. ◦ Situação para debate e apresentação das opções de atividades a serem oferecidas e para a distribuição de responsabilidades. ◦ Momentos para a reflexão coletiva sobre as necessidades, dificuldades e possibilidades no desenvolvimento das atividades - otimização da 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do envolvimento na pesquisa junto à comunidade de atividades relacionadas ao lazer (número de pesquisas realizadas, qualidade do roteiro de entrevista e retorno das informações obtidas etc); - da evolução na participação, discussão, planejamento e apresentação das atividades; - de como o aluno participa e contribui para o sucesso da atividade; - da evolução na qualidade de participação do aluno na organização e adaptação das atividades quanto ao público espaço, regras e materiais; - da evolução dos instrumentos de comunicação das atividades (

	<p>em cartas com propostas e sugestões, por exemplo) para o poder público, visando a ampliação das oportunidades de acesso da comunidade às práticas de atividade física e lazer.</p>	<p>utilização do espaço, adaptação de materiais, distribuição no tempo (tempo utilizado do espaço escolar adequado à atividade física e lazer comparado com o tempo ocioso).</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Eleição e organização de uma agenda de atividades para o grupo de alunos, considerando que a vivência é importante para o crescimento do grupo e base para a organização de atividades para os outros. ◦ Elaboração de um cronograma de atividades com distribuição de responsabilidades. ◦ Planejamento junto da equipe escolar sobre as responsabilidades dos alunos e da escola (responsabilidade institucional) para o melhor funcionamento de um programa envolvendo a comunidade local. ◦ Rodas de conversa estabelecendo o tempo de prática dos alunos e o tempo de apoio à prática dos outros (professores, funcionários e comunidade). 	<p>alcance ao público a que se destina, linguagem, etc)</p> <ul style="list-style-type: none"> - da evolução da capacidade de articulação e de elaboração dos documentos e dispositivos para reivindicação de melhores condições de lazer para si e para a comunidade.
<p>Identificar os valores e informações divulgados pela mídia com relação à saúde, beleza e qualidade de vida, utilizando-se de bases científicas para adotar uma postura crítica e autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde, comprometendo-se em divulgá-los na comunidade a qual pertence.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Identificação dos valores e informações divulgados pela mídia relacionados à beleza e a saúde que se tornaram consenso na sociedade (senso comum). ◦ Disponibilidade para: <ul style="list-style-type: none"> - diferenciar, refletir e debater o conhecimento empírico e o científico - refletir, a partir da leitura da mídia, sobre os padrões de estética difundidos e sua relação com valores referentes ao consumo; - reconhecer e interpretar informações e dados científicos; - aprofundar o conhecimento científico e confrontar com as ideias e valores divulgados pela mídia. ◦ Valorização da identificação e da capacidade de análise da fonte de informação ◦ Aprofundamento em modelos de treinamento 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Trabalhos individuais ou em grupo com o objetivo de abordar temas relacionados à saúde, beleza, estética, dietas e orientações alimentares, difundidos nas propagandas, anúncios, revistas, internet etc. (na mídia de um modo geral). ◦ Debate sobre as questões levantadas com aprofundamento e divulgação do que não é considerado cientificamente confiável. ◦ Pesquisa por grupos de interesse sobre os assuntos relacionados à saúde e à beleza, com o objetivo de aprofundar o conhecimento e divulgar informações confiáveis. ◦ Debate em grupo sobre os conhecimentos levantados acerca de cada tema favorecendo a troca e a valorização do conhecimento pesquisado. ◦ Visita a diferentes academias com o objetivo de pesquisar e entrevistar professores sobre os métodos atuais de treinamento visando à 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da participação do aluno no trabalho individual e em grupo; - da evolução da capacidade de identificar as informações e sua qualidade em bases científicas; - do envolvimento do aluno na busca pelo conhecimento (pesquisas, entrevistas, acesso a artigos, filmes, documentários); - da evolução da argumentação sobre os conhecimentos pesquisados e da qualidade das fontes de informação; - do estabelecimento de relação entre os programas elaborados e os objetivos definidos;

	<p>de práticas da cultura corporal relacionadas à melhoria das capacidades físicas voltadas à qualidade de vida.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação no processo de eleição de práticas a serem realizadas na escola para aprofundamento e divulgação do conhecimento. ◦ Participação em atividades em grupos com objetivos semelhantes ◦ Elaboração de objetivos e metas pessoais. ◦ Disponibilidade para analisar, refletir e dialogar sobre as dificuldades encontradas durante as práticas e para aprofundar o conhecimento das possibilidades de superação. ◦ Disponibilidade para organizar práticas para a comunidade e aprofundar o conhecimento das possibilidades de desenvolvimento de grupos mais ativos 	<p>melhoria das capacidades física e da qualidade de vida.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Avaliação dos resultados obtidos nos anos anteriores com relação ao desenvolvimento e manutenção de capacidades físicas (força, resistência, velocidade, flexibilidade) com trabalho em grupos de interesse. ◦ Situações de discussão e pesquisa para aprofundamento dos conhecimentos e das motivações que levam à continuidade de programas de treinamento relacionados à estética e à saúde. ◦ Planejamento de eventos para divulgar o conhecimento ao público interno e externo. ◦ Planejamento de programas pessoais a serem realizados fora do ambiente escolar. ◦ Situações de prática das atividades com participação dos alunos na organização dos grupos no espaço, no tempo de aula e na criação/adaptação de materiais. ◦ Situações de organização de atividades para a comunidade com participação dos alunos na organização dos grupos no espaço, no tempo de aula e na criação/adaptação de materiais. ◦ Rodas de conversa para refletir sobre os programas realizados na escola para grupos internos e externos, avaliando a motivação, continuidade e resultados. 	<ul style="list-style-type: none"> - do desenvolvimento das atividades de organização dos grupos no espaço, no tempo de aula e na criação/adaptação de materiais; - da avaliação dos programas individuais e da autoavaliação sobre sua capacidade de dar continuidade; - do compromisso com o planejamento da divulgação do conhecimento obtido para a comunidade.
<p>Aprofundar e difundir o conhecimento sobre as várias manifestações da cultura corporal, valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão, e compreendendo o papel dessa cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Participação e organização de modalidades individuais e coletivas adotando uma atitude de pesquisa pessoal. ◦ Ampliação do conhecimento sobre outras práticas de universos culturais distintos. ◦ Definição das práticas mais adequadas para ampliar os limites e possibilidades do próprio corpo. ◦ Valorização de novos conhecimentos para o desenvolvimento pessoal e coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações em que os alunos possam pesquisar e aprofundar o conhecimento das diferentes manifestações da cultura corporal relacionadas a outras culturas (pesquisa na internet, apreciação de filmes e documentários, entrevistas com praticantes da sua localidade etc.). ◦ Situações em que os alunos se agrupam em grupos de interesse em torno das práticas pesquisadas, aprofundando-se no conhecimento sobre o contexto em que foram criadas e os valores a elas associados, as diferentes formas 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - da pesquisa sobre o tema ou prática definida; - da compreensão e relação entre as práticas e o contexto em que foram criadas, os conhecimentos e valores a elas associados etc.; - do trabalho de adaptação das práticas escolhidas para vivência

	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Valorização dos conhecimentos interdisciplinares complementares à construção do conhecimento sobre a cultura corporal em outros contextos. ◦ Aprofundamento nos conhecimentos sobre o processo de aprendizagem de cada prática, favorecendo a autonomia no desenvolvimento pessoal. ◦ Aprofundamento do conhecimento sobre a organização de cada prática, favorecendo a disseminação das práticas na comunidade. ◦ Disponibilidade para identificar, planejar e persistir em seus objetivos e metas, analisando as práticas realizadas para tal fim. 	<p>de praticar, os materiais e espaços necessários para prática etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Situações em que os alunos possam apresentar as práticas pesquisadas: o contexto em que foram criadas, os valores a elas associados, as diferentes formas de praticar, os materiais e espaços necessários para prática etc., divulgando-as na comunidade. ◦ Divulgação dos projetos interdisciplinares voltados ao aprofundamento das modalidades que favoreceram a integração dos conhecimentos entre as diversas disciplinas (história, geografia, sociologia, antropologia, música, anatomia, fisiologia, física, química etc.). ◦ Situações de prática de atividades por grupos de interesse, favorecendo o desenvolvimento da autonomia a partir da organização do espaço e da adaptação de materiais para as vivências. ◦ Situações de planejamento e desenvolvimento de atividades por grupos de interesse, favorecendo a divulgação e a participação da comunidade. ◦ Rodas de conversa avaliando a adaptação das atividades ao espaço escolar com relação ao que caracteriza cada atividade. ◦ Elaboração de atividades pelos alunos de vivência das práticas pesquisadas, oportunizando a ampliação da experiência da comunidade interna e externa. 	<p>no ambiente escolar: as diferentes formas de praticar, a adaptação dos materiais e espaços, aproximando a prática na escola do contexto de criação e realização fora da escola;</p> <ul style="list-style-type: none"> - da autonomia do aluno na elaboração e execução das atividades, superando dificuldades pessoais; - do compromisso com o aprofundamento do que sabe para desenvolver a atividade dentro do grupo de interesse, bem como para comunicar e organizar a prática para os outros alunos, bem como para comunicar e organizar a prática para a comunidade interna e externa.
<p>Aprofundar o conhecimento para realizar práticas corporais com mais consciência, projetando a continuidade com autonomia, valorizando a participação da comunidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Escolha de práticas da cultura corporal para aprofundamento pessoal. ◦ Identificação dos interesses e necessidades da comunidade. ◦ Identificação das características de algumas práticas e dos conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento e aprofundamento. ◦ Disponibilidade para pesquisar sobre os conhecimentos específicos relacionados às práticas eleitas para comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Rodas de conversa para avaliar as conquistas individuais obtidas no ano anterior e para estabelecer metas relacionadas à continuidade das práticas da cultura corporal. ◦ Levantamento do conhecimento prévio e discussão dos conhecimentos específicos necessários para desenvolver e aprofundar as práticas escolhidas. ◦ Trabalho de pesquisa junto à comunidade para definir as práticas a serem desenvolvidas e 	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> - do envolvimento no trabalho de identificação das práticas da cultura corporal e das possibilidades de desenvolvimento pessoal e da comunidade; - da evolução do conhecimento necessário para o

	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Disponibilidade para desenvolver as práticas escolhidas e estabelecer metas de desempenho. ◦ Disponibilidade para estimular a participação da comunidade e o alcance das metas a serem atingidas. ◦ Disponibilidade para agrupar-se em torno de práticas comuns, envolvendo-se com os planos e metas. ◦ Elaboração de um plano de trabalho pessoal para atingir os objetivos e metas estabelecidos. ◦ Elaboração de um plano de trabalho coletivo para atingir os objetivos e metas debatidos e acordados coletivamente. 	<p>oferecidas com a mediação do professor.</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Elaboração de cronograma de atividades. ◦ Organização de grupos de interesse para aprofundamento de planos e metas. ◦ Pesquisas para a elaboração de um programa comum a ser desenvolvido pelo grupo durante as aulas. ◦ Aperfeiçoamento de programas individuais possíveis de serem realizados fora do tempo escolar, que contribuam para atingir os objetivos previstos. ◦ Situação para apresentação das propostas de atividades para a comunidade, relacionando os objetivos estabelecidos, bem como os resultados previstos. ◦ Situações de prática junto à comunidade mediadas pelo professor (jogos, lutas, esportes, danças e ginásticas). ◦ Situação de organização da prática pelos alunos: trabalho em grupo com diferentes atividades simultâneas trabalhando com diferentes práticas. 	<p>desenvolvimento e aprendizagem pessoal e da comunidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> - de como o aluno participa do processo de pesquisa e contribui para o sucesso da atividade; - da evolução da capacidade do aluno no estabelecimento de metas pessoais; - da evolução na qualidade da organização e adaptação das atividades frente às metas estabelecidas para si e para a comunidade; - da evolução da capacidade do aluno quanto ao compromisso e a persistência nas atividades planejadas para atingir metas pessoais.
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Sugestões de materiais de apoio

TEXTOS DE APOIO

Cultura corporal de movimento como objeto conhecimento da educação física e sua relação com o ambiente cultural, com a mídia e com temas transversais - PCNs de Educação Física 5ª a 8ª Série, MEC 1998.

Cultura corporal (Prof Mauro Betti) - <http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm>

LIVROS para PESQUISA

Jogos Educativos - estrutura e organização da prática' e 'Práticas pedagógicas reflexivas em esporte educacional', ambos constam na bibliografia dessas Orientações Curriculares.

Ética e Valores: Método para um ensino transversal, José Maria Puig, editora Casa do Psicólogo, 1998 - Atividades e recursos metodológicos em Educação Moral

Eutonia - Um Caminho para a percepção corporal, Gerda Alexander, editora Martins Fontes, 1983

Eutonia e Relaxamento, G. Brieghel & Muller, Editora Manole, 1987

O Corpo tem sua razões, antiginástica e consciência de si, Therese Bertherat e Carol Bernstein, editora Martins Fontes, 1977

O Correio do corpo, novas vias para a antiginástica, Thérèse Bertherat e Carol Bernstein, editora Martins Fontes, 1980

Ginástica Postural Global, Ph. E. Souchart, editora Martins Fontes, 1984

O Stretching Global Ativo, A reeducação Postural Global a serviço do esporte, Ph. E. Souchart, Editora Manole, 1996

Exercícios Inteligentes com Pilates e Yoga, uma contribuição dinâmica e atual do Body Control Pilates e da Yoga, Lyne Robinson e Howard Napper, Editora Pensamento, 2002

Guia dos movimentos de musculação, uma abordagem anatômica, Frederic Delavier, Editora Manole, 2000

Musculação, biomecânica e treinamento, Everett Aaberg, Editora Manole, 2001

Saude Total, Kenneth H. Cooper, Editora Unilivros, 1979

Corrida, ciência do treinamento e desempenho, Eric Newsholme, Tony Leech, Glenda Duester, Editora Phorte, 2008

Shiatsu, Guia prático, Nicola Pooley, Ed. Avatar, 1999

Reflexologia, Guia prático, Nicola Hall, Ed Avatar, 1997

Zen Shiatsu, Equilíbrio energético e consciência do corpo, Mario Jahara-Pradipto, summus editorial, 1986

A Ginástica Chinesa, da China antiga e moderna, exercícios Físicos destinados a garantir o bem estar e a cura das doenças, Dr dahong, Zhuo, Ed Record, 1984

Asanas, Swami Kuvalayananda, Ed Cultrix, 1986

Ch`an Tao. Essencia da meditação, Jou Eel Jla, Norvan Martino Leite, Lilian Fumie Takeda, Ed Plexus, 1998

SITES para CONSULTA

www.esporteeducacao.org.br - Este site disponibiliza vídeos para reflexão dos professores sobre o esporte educacional que poderá ser utilizado também com os alunos, para que os princípios do esporte educacional orientem a criação dos jogos.

<http://www.eutonia.org.br/textos/oquee.htm> - Aprofundamento sobre as relações do tônus muscular sobre a postura a partir da abordagem da Eutonia

www.portalfisioterapia.com.br - Postura e lesões

<http://www.fm.usp.br/fofiteo/fisio/pessoal/isabel/biomecanicaonline/complexos/pdf/Postura.pdf>. (Avaliação Postural. Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Profa. Dra. Sílvia Maria Amado João. 1. Desenvolvimento Postural ...)

<http://www.podcorrer.com/2009/06/25/teste-de-cooper/> - Uma possibilidade para a avaliação aeróbica simples e aplicável ao contexto escolar

<http://www.cdof.com.br/testes12.htm>. Site com links para diversos assuntos relacionados a educação física, esporte, condicionamento físico, fitness.

<http://www.campanhaporbelezareal.com.pt> . Site da UNILEVER vinculado a marca DOVE que procura alertar sobre o impacto da industria da beleza sobre a auto estima de jovens

Bibliografia

INTRODUÇÃO

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais - Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MAKARENKO, Anton. Poema pedagógico. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

RIBEIRO, Vera M. (org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global / Instituto Paulo Montenegro / Ação Educativa, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ACRE e SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO BRANCO. Caderno 1 - Orientações para o Ensino de Língua Portuguesa e Matemática no Ciclo Inicial. Rio Branco, 2008.

SECRETARIA DE LA EDUCACIÓN DEL GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. Diseño Curricular para la Escuela Primaria de la Ciudad de Buenos Aires. Buenos Aires, 2004.

ZABALA, Antoni. A prática educativa - como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EDUCAÇÃO FÍSICA

BETTI, M. Janela de vidro: Educação Física e esportes. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 16, n. 3, 1992.

_____. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

COLL, C. Psicologia e currículo. São Paulo: Ática, 1996.

CASTELLANI FILHO, L. Considerações acerca do conhecimento (re)conhecido pela Educação Física escolar. Revista Paulista de Educação Física, supl. n. 1, 1995.

CLARO, E. Método dança. Educação Física: uma reflexão sobre consciência corporal e profissional. São Paulo: Robe, 1995.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DE MASI, D; BETTO, F. Diálogos criativos, Rio de Janeiro: Sextante, 2008

FREIRE, J. B. De corpo e alma. São Paulo: Summus, 1991.

_____. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. O jogo: entre o riso e o choro. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

GALLAHUE, D. L., OZUMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

GIMENO, S. J. El currículo: una reflexión sobre la práctica. Madrid: Morata, 1988.

GOÑI, A. M. R.; GONZÁLES, A. El niño y el juego. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

HERNANDES, F. A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KAMII, C.; DEVRIES, R. Jogos em grupo. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. (coords.). Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

MEDINA, J. P. S. A Educação Física cuida do corpo etc. e mente. Campinas: Papyrus, 1983.

MOREIRA, W. W. Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992.

PEREIRA, M. Z.; GONÇALVES, M. P.; CARVALHO, M. E. Currículo e contemporaneidade: questões emergentes. Campinas, SP: Alínea, 2004.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ROSSETTO, A. J. Jr.; ARDIGÓ, A. Jr.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. - Jogos Educativos: Estrutura e organização da prática. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

ROSSETTO, A. J. Jr.; ARDIGÓ, A. Jr.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. - Práticas Pedagógicas Reflexivas em Esporte Educacional: unidade didática como instrumento de ensino e aprendizagem São Paulo: Phorte Editora, 2009

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, supl. n. 2, 1996.

TANI; MANOEL; KOKOBUN; PROENÇA. Educação Física escolar. São Paulo: Edusp/EPU, 1988.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

WINNICOTT, D. W. Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Art Med, 1998.